

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1.^o DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Attinge a milhares, a lista de candidatos aos cargos creados pela recente reforma judiciaria. Não ha bicho carêta, dispondo de alguns votos, da protecção de homens altamente cotados na politica, de padrinhos prestimosos, que não pretenda uma collocação rendosa, sejam embóra completamente estranhos á profissão, afastados do cultivo de letras juridicas por incapacidade notoria ou por inverterada diversão por outras provincias das habilitações intellectuaes.

Não se cogita do tirocinio essencial á formação de magistrados, não se leva em conta o senso da profissão demandando longo e afanoso trabalho de sciencia, de probidade, de abnegação; tão pouco se indagam os precedentes honrosos, precedentes de virtude, praticada na vida privada, de caracter, de patriotismo, revelados em serviços á causa publica, nem se consultam, finalmente, as tendencias, a vocação, imprescindiveis para a investidura desse sagrado sacerdocio social; a reforma é, simplesmente, uma oportunidade magnifica para a doação de cargos rendosos, para assegurar vida quiêta e farta á occiosidade incapaz, ou aos gananciosos que pretendem tudo incondicionalmente, numa despu dorada ancia de subir, pelas devêsas escusas do nepotismo, ás eminentes posições.

A especialisação de várás, como as da provedoria e de orphãos, a criação de tabellionatos rendosos, aguçaram a cobiça de deputados e senadores, que pretendem, assim, libertar-se dos azares da politica para se alojarem em tenças vitalicias; suscitou o appetite de filhótes, que estiveram de tocaia ao momento azado para a iniciação de uma carreira que lhes assegure, definitivamente, o meio de vida fóra do alcance de sua iniciativa, de seus meios de actividade.

E dessa opulenta comedia, offerecida aos amigos do peito, aos compadres, aos afilhados, aos servidores fiéis, não ficará um osso para os famintos, que não pedem, embarçados pelo pêjo da supplica humilhante; para os capazes, para os homens de merito incontestavel, retrahidos na confiança ingenua de serem procurados pela

attracção de sua evidente capacidade, de seus precedentes, de seus serviços desinteressados á Republica. Quem não chóra não mama; quem não tem padrinho morre pagão: taes são as correctissimas fórmulas em que a sabedoria popular esboçou a deprimente feição dos meios mais convinhaveis á victoria das aspirações mais absurdas.

Na atmospheria politica, toldada de vapores deleterios, de miasmas da decomposição, que váe devastando o organismo social, como um mal necessario, irreparavel, proprio á exploração dos mais espertos e dos mais ousados, não se reflectem os esplendores do talento, das habilitações especiaes, das vocações provadas, da virtude sem jaça: ha, em torno dos doadores de cargos, uma densa penumbra, espessada pelo engrossamento, ao abrigo da qual as mediocridades chatas ou pedantescas vão abrindo sorrateiramente caminho; vão disfarçando as deformidades evidentes, até surdirem, de surpresa, embiocadas, triumphantes, na investidura das elevadas funcções.

Magistrados não se improvisam; depositarios de melindrosas attribuições não se formam da noite para o dia, como se enfeitam em reis, em príncipes, em cavalheiros garbosos, réles comparsas de theatros, porque, nesse accidentado e aspero scenario da vida, é essencial que os comicos tenham vocação para a arte, saibam na ponta da lingua os papeis, sob pena de se comprometterem, de se annullarem os efeitos commoventes do pomposo drama, e serem burlados os encantos das apparencias, que dominam a ordem social.

Temos precedentes de improvisações mallogradas. O Marechal de Ferro, entre muitos actos de consolidação da Republica, de salvação das instituições democraticas, perpetrou uma ridicula invenção de magistrados, com o fim evidente de rebaixar, pelo acanalhamento ou pelo despejado ludíbrio, as forças vivas que pudésem oppôr obstaculos ás suas tendencias de rebaixamento para ficar proeminente, no scenario desolado, a sua figura de heróe.

Recordamo-nos ainda com uma congestão de pudor, da nomeação de medicos, de generaes para a funcção de ministros do Supremo Tribunal; e não ha encomios sufficientes para a resistencia do Senado á perpetuação desse acto de loucura dos poderosos. Não se attendeu, então, a inegualavel

capacidade technica do medico, nem a bravura e conhecimentos militares dos honrados cidadãos forçados por mêdo, por obediencia passiva, contrafeitos, disfarçados em jurisconsultos, a figurarem na farça cruel de desprestigio do mais augusto poder nacional; preponderou, na deliberação do Senado, a consideração de serem essenciaes á investidura provas de habilitações imprescindiveis aos supremos interpretes da lei.

Conta-se que o marechal, querendo preencher uma vaga naquelle tribunal, pedira a indicação de um mineiro a um amigo íntimo, que lhe suggeriu varios nomes de juristas notaveis com honrosas tradições na magistratura e amorosa dedicação á cultura do direito. Esses nomes, porém, fóram peremptoriamente rejeitados e, como o amigo lhe ponderasse que não conhecia, na terra mineira, outros cidadãos capazes, elle retrucou com placidez fria:

— Não preciso de jurisconsultos, a Constituição apenas me obriga a escolher os juizes dentre os cidadãos de notavel saber e reputação, elegiveis para o Senado. Ora não se póde contestar que eu seja o arbitro desse saber, dessa reputação; e, sendo a medida do meu criterio, a capacidade para o Senado, onde toda a gente póde entrar com a simples condição da idade, é claro que posso escolher qualquer paisano do meu agrado e confiança.

E sublinhou, com o perpetuo sorriso de ironia, essas palavras, que fóram muitas e excessivas para os seus habitos de silencio desconfiado.

* * *

Fazendo justiça á sériedade do governo, prevemos as dificuldades que o têm assaltado no suadoiro de depurar a monstruosa lista de candidatos, onde figuram — dizem — amparados em magnificos espéques, verdadeiro réo de policia com immensas probabilidades de victoria, que não seria facto virgem nos factos contemporaneos; prevemos a energia necessaria para resistir aos assaltos furiosos do nepotismo sem escrupulos, e nutrimos a convicção de que o honrado cidadão, presidente da Republica, considerando a transcendencia do serviço que váe reorganisar, corresponderá, plenamente, á expectativa confiante na sua acção salutar e patriotica.

S. ex. deve estar profundamente convencido de que a causa dos males que corrompem o serviço publico, provém da pessima escôlha do pessoal, inspirada pela influencia pernicioso do patronato, inventando homens para os cargos, e que essa reforma malsinada será completamente nulla e contraria aos intuitos beneficos, que a dítaram, se não houver escrupulosa selecção de homens pela capacidade, saber e probidade.

POJUCAN.

Um prologo de Medeiros e Albuquerque

—

IV

Que é a força em si? Não ha philo-
rophia que o diga.

Todavia, essa força, em nós, por nós e para nós, existe. Sentimol-a em toda a sua plenitude, agindo, querendo, percebendo. E só o que temos como certo é que ella se resolve em successivos estados constituintes de uma personalidade.

São estes estados, conscientes ou inconscientes, que se projectam imprimindo nas coisas, a fôrma exterior, no que exprime a vida. E' a esses estados, portanto, que poderíamos pedir a explicação de todas as modificações do ambiente que com os mesmos se relacionam, porque a idéa, o pensamento, também são relações entre esses estados e o mundo circumjacente, e de taes phenomenos seria inutil exigir palavra.

Penso, pois, que, a ser verdadeira a theoria de Medeiros e Albuquerque, dado que o individuo possa organizar, por influencia physica directa, a materia ambiente, de maneira a imprimir-lhe essas fôrmas subtis, a que alludem os spiritas, mas não creal-as. Tirando-as do nada por um *fiat*, o motor desse *milagre* nunca será a idéa, o pensamento, mas o homem, tomado como conjuncto de energia, desenvolvivel no tempo e no espaço, sem limites.

Toda e qualquer analyse, que se tente effectuar, no sentido de decompôr esse conjuncto, tem, como unico resultado, dissipal-o. E' assim que, desde os philosophos vedantas, até hoje, se realisa, ininterruptamente, a formosa lenda de Psyché, tão brilhante na fôrma, quanto profunda no intuito, que lhe incutiui o genio de Apuleu. Accendida a lampada, o Amôr evola-se, desaparece.

Kant, sem embargo dessa experiencia dos nossos antepassados, tentou, na *Critica da razão pura*, accender a lampada, e erguer o véo que escondia a COISA EM SI.

Nós outros pedéstre da philosophia não podemos ir mais longe. Si insistissemos, cahiriamos, como Roberty e outros descobridores do *monismo logico*, nas soluções abstrusas da ficção universal.

Enverêdar por essa selva selvagem e escura da philosophia, nunca! Seria preferivel um mergulho na theoria do turbilhão, ou na *Maya*, segundo a concepção hindú.

E' o caso, então, de retroceder ao ponto de intercessão da vida, onde as circumstancias puzeram o homem pensante, e manter a logica em equilibrio entre a sombra e a luz. E' inglorio repetir o paradoxo de Nietzsche: tudo é permittido, nada é verdadeiro! Mais proveito haveria em apanhar-lhe a digna inspiração, quando, revoltado contra as theorias de Locke e outros philosophos inglezes, se arrôja a dizer que elles reduziram o universo a uma machina estúpida e sem expressão. (1)

Na minha opinião, tanto se illúde o microscopista, que dedúz a vida de um microbio ou a considera uma fermentação andando, como desvaira Swedenborg derivando de uma molecula da sua imaginação, todas essas maravilhas, que constituem a vida moral do homem.

«Não ha na terra, diz o suéco illuminado, quem não possúa o céo dentro de si. D'ahi se vê quanto engano existe em pensar que entrar no céo é o mesmo que ser suspenso até á região dos anjos, seja qual fôr o estado de sua vida interior. O céo, portanto, é um dom que cada qual recebe pela immediata misericordia de Deus; e nada inflúe, para os fins ulteriores, a existencia de um céo fóra de si. Ha muitos espiritos que são desse pensar, e por isso mesmo, por sua fé, puderam transportar-se ao céo exterior. Dessa coincidência nasce tudo, porque o céo existe em nós e não fóra de nós.» (2)

Que demonstra essa eloquencia e a de tantos outros illuminados, antigos e modernos? Demonstra apenas que a logica, que é um instrumento automatico, posta a serviço da imaginação, é capaz de tudo, uma vez firmado um ponto de partida.

E si o pensamento fôsse, como diz Medeiros e Albuquerque, capaz de organizar directamente alguma coisa material, fóra de si, já ha muito tempo que se teria obtido a materialisação do céo e do inferno dos catholicos.

Felizmente, apesar dos mil e novecentos annos decorridos, não houve ainda quem de lá voltasse, a não ser pelos processos logicos de Jacob de Bohm e de Swedenborg. E si a Idade Média não chegou a materialisal-os,

(1) Nietzsche — *Par delà le bien et le mal*, § 252.

(2) Swedenborg — *Du ciel et les merveilles et de l'enfer d'après ce qui a été vu et entendu*, § 54. Trad. Le Boys des Guays, 1899.

fóra de nós mesmos, dispondo os horrores do cilicio, as torturas celestias, as fogueiras da Inquisição, e atijando a ancia de milhões de crentes, que os pediam e queriam furiosamente, pôde-se affirmar que passou a oportunidade dessa materialisação, e não existe, no presente, mais quem tenha fôrça para reunir tantos milhões de sêres em ródá da celha de Cagliostro, para produzir a corrente mesmeriana.

Comtudo, Myers pensa ter provado scientificamente a persistencia da personalidade de cada homem depois da dissolução do corpo. Por subtis demais, os seus argumentos e experiencias não attingiram a lucidez necessaria para produzir a evidencia. Pouco percebi do que constitúe a sua fôrça.

«Não é o cerebro, diz Lewis, mas o homem quem pensa.»

A consciencia, que opéra a somma de todos os infinitamente pequenos da sensibilidade, é a expressão psychica da unidade organica. (3) Como conciliar esta verdade scientifica com a dualidade de Myers? isto é, como admittir que essa unidade organica se dissólva e que o homem pensante deixe de ser homem para ser alma do outro mundo?

Respondem os spiritas que contra factos não ha argumentos. «Somos experimentalistas, accrescentam; e quem quizer tocar em almas, appareça.»

Estas experiencias, como já vimos, não passaram ainda do campo puramente dos cinco sentidos em operação simples, e, portanto — campo subjectivo. Não chegaram os spiritas á resistencia reduzida a numeros; e si acaso declaram que espiritos escapam a essa operação, todo o edificio que até agóra architectaram, rúe por terra, porque sem isto não se comprehende sciencia experimental.

São, todavia, evolucionistas. Com isso nada adiantam.

Velhas concepções dos hindús já apresentavam o espirito num eterno *devenir*. Que era a metempsychose sinão a evolução dos espiritos para uma perfeição infinita?

Nos tempos modernos, Leibnitz, cedendo a essa longa pressão do passado philosophico sobre a dualidade das substancias, inventou a harmonia preestabelecida. Não havia outro meio de conciliar a vida com a morte, uma vez reconhecida a existencia de um mundo de espiritos.

Mais coherente, talvez, Swedenborg aventou que a terra era um reflexo permanente e symbolico do céo que se movia em Deus,

Todas essas machinações, porém, não passam de romances philosophicos, prestigiados pela elevação dialectal dos genios que os compuzeram.

(3) Bourdeau. *Theorie des sciences*, II, 563.

No fundo, taes systemas de idéas não são melhores do que os que, agóra, o interessante romancista inglez Wells anda traçando a proposito das forças da humanidade do futuro.

A logica é, de sua natureza, architectonica ; é a constructora de mundos imaginarios, por excellencia. E nenhum romancista excedeu ainda o engenho de Platão. Foi elle que lembrou o demonio de Socrates e pôz á conta de Alcibiades, a mutilação da cauda do seu cão. Tambem inventou a Atlantida. Não ha que admirar, assim, que os philosophos, uma vez chegados a esse ponto da razão experimental, em que a luz começa a bruxolear, comecem do mesmo modo a sentir-se attrahidos para o grande *Eureka*, que a Edgard Poë valeu a construcção do seu poema mathematico.

Terminarei transcrevendo um pensamento de Pascal :

« O mundo visível é um traço imperceptível no seio amplo da natureza. Nada do que pensamos se approxima desse incommensuravel universo. Podemos entumecer, enchendo de vento, as nossas concepções, e leval-as além dos espaços imaginaveis, não produzimos sinão átomos em prejuizo da realidade das coisas.» (4).

ARARIPE JUNIOR

(Conclusão)

(4) Pascal — *Pensées*, I, 1.

CORAÇÃO ENFERMO

A Mater Divinæ gratiæ.

Virgem Senhora da Conceição
Refúgio astral das minhas crenças,
Trago-vos aqui meu coração
Cheio de longas, fundas doenças.

Venho implorar-vos neste momento
Um doce olhar para este enfêrmo :
Vós bem sabeis o seu tormento
E o seu viver profundo e êrmo.

Como um tisico que só á tarde
Póde, arrastado, olhar o caminho,
Meu coração em febre arde
— Dir-se-á ébrio dum máu vinho.

Tantos lembrando os grãos de areia
Dos desertos não viajados,
Tantos assim, na dôr que o lanceia,
São-lhes os ais desesperados.

Como as ondas que o vento impélle
Que impélle em furia, em tempestade,
Rugem na praia, — por todo Elle
Ruge tristeza, ruge anciedade.

Vive lembrando uma ave presa
Longe do sol que lhe deu vida,
Ave chorando a Natureza,
Ave prisioneira — aza partida.

Não ha gemido nos hospitaes,
Não ha facada que grite tanto
Como os seus ais, como os seus ais,
Como o seu pranto, como o seu pranto.

Não ha sangria que se compare
Com a que fére meu coração :
Mandai um Anjo que o ampare
Virgem Senhora da Conceição.

Mandai-lhe um Anjo ou dai-lhe ao menos
O cajado do vosso Esposo :
Desçam sobr'Elle dias serenos,
Dias serenos e repouso. . .

Elle é tão moço, mas já parece
Cem annos contar. Que afflicção !
O Inverno desce, o Inverno desce. . .
Dai-lhe o Estio da vossa mão.

Cobri-o com a ponta da vossa aza,
Aza de pomba mensageira ;
Trazei-lhe paz á sua casa,
Trazei-lhe um ramo de oliveira.

Trazei-lhe em meio de resplendores
Favos abertos, de méi de abelha,
Pomba mais casta do que as flôres
Diga-o Jesus, S. João e a Ovelha. .

Pelo mendigo que córre a rua
Numa atróz desesperação
De fome e sede, a carne núa,
— Lagrimas véрте meu coração.

Pela criança pobresinha,
Pela criança — flôr em botão —
Que atravessa a vida sósinha
— Chagas rôxas em meu coração.

Pela Esposa como a que um dia
Vi de joelhos póstos no chão
E que nunca mais teve alegria
— Urzes crescendo em meu coração.

Pelo náufrago que abre os braços
E nada tem p'ra salvação
E que afinal vem-lhe o cansaço
— Ais de morphéa em meu coração.

Pelo infeliz que em cárcere triste
(Triste, Senhora, é toda a prisão !)
A's recordações não resiste
— Sonhos mortos em meu coração.

Pelo passaro numa gaióla,
Passaro que ama o sol de verão
Elle cuja alma alli se estióla
— Prados no outomno do meu coração.

Pela doçura despresada
Do olhar amissimo dum cão
Que o homem arrasta e mata á pedrada
— Garras de féra em meu coração.

Pelo pranto de um santo brilho
Nuns olhos de Mãe pela razão
De vêr fecharem-se os de um filho
— Corôas tristes em meu coração.

Pelos que soffreram nas senzalas
(Maldita, maldita a escravidão !)
Rosarios de opálas, rosarios de opálas
— Lagrimas brancas do meu coração.

Pelos meus filhos, quando eu os deixar,
(Que pungente separação !)
Lagrimas tantas como um Mar
A afogar o meu coração !

Virgem Senhora da Conceição
Manhã que os campos verdes orvalha,
Quando morrer meu Coração
Seja-lhe d'astros a mortalha !

Santa Catharina.

ARAUJO FIGUEIREDO.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

A BATALHA DE TUYUTY

—
NA VESPERA

O meu batalhão tinha a honra de pertencer á divisão do general Sampaio, a terceira do exercito. Comandava-o o tenente-coronel Pereira de Carvalho, intelligente, bom manobrista, e com fama de não ter rival na penna. Foi, depois, barão de S. Sepé, marechal, conselheiro de guerra.

Acampavamos na vanguarda, á extrema esquerda. A famosa artilheria do grande velho Mallet, estava á nossa direita. O general Osorio, com o exemplo da bateria do bravo capitão Cardoso de Mello, tomada pelo inimigo no combate de 2 de maio, ordenára, logo que chegámos ao Tuyuty, no dia 20, a construcção de um grande espaldão para abrigal-a. A' nossa esquerda, acampavam — o 6º de infantaria e outro batalhão de linha e de voluntarios — e, por ultimo, o 11º, commandado pelo major Cavalcanti, daquella pleiade memoravel de capitães do 1º de fuzileiros da côrte, os quaes tanto illustravam a nossa historia militar — Guimarães Peixoto, Valporto, Cavalcanti, Azevedo, Eduardo Fonseca, Valente.

Para lá do 11º de voluntarios, estendiam-se um macegal baixo, banhados razos e arêaes cobertos de *barbas-de-bóde* ; depois, fechava a perspectiva a matta mysteriosa, com as suas bocainas largas e trilhas estreitas, tortuosas por onde o inimigo, astuto como todos os homens de sua raça, nos vinha espreitar, vigiar os nossos movimentos, perscrutar a nossa vida de acampamento, e, até, contar os nossos homens, os nossos canhões e as nossas carrêtas de transporte. Nós não tivéramos a curiosidade, aliás muito natural, de conhecer os segredos daquelles bosques. Não postámos alli nem piquêtes avançados, nem vedêtas, ao menos. Do outro lado da matta, estava o Potreiro Pires com alguns batalhões nossos.

O intrepido general Flôres acampava á esquerda da artilheria, o general Mitre á direita, e o general Osorio em uma eminencia, no centro do grande exercito : parecia ser o commandante em chefe.

A' direita do quartel general, ficava o commercio e, á retaguarda, o pesadissimo trem de transporte e o hospital.

Era o meado do outomno. Naquellas paragens, proximas de dois rios immensos, cobertos de lagôas e banhados, de grandes *estêros* e densas florestas, a humidade era grande, e a temperatura baixava muito.

Estavamos a 23 de maio. Tinha eu acabado de devorar, com um appetite dos 18 annos, um magro churrasco, que mais parecia carne daquelles *mocós* moqueados, vendidos, aos centos, pelos meus patricios da Feira de Sant'Anna, e servia — o classico chimarrão num *porongo* de litro, quando se perfilou diante de mim, o *cabo de dia* da 7.^a companhia, estendendo-me o caderno do detalhe. Vi que estava escalado para a faxina de lenha no dia seguinte, e que, ao meio dia, o meu batalhão deveria formar, a meia marcha, não faltando praça alguma, «nem mesmo os bagageiros e camaradas dos senhores officiaes.» Na *lembrança*, o commandante recomendava aos commandantes de campanha que passassem, antes, revista de armamento. Iamos reconhecer as posições paraguayas.

Ao toque de recolher, ás oito horas da noite, todos os corpos formaram. Depois da chamada, os sargentos *puxaram* as companhias para a *frente de bandeira*, e resou-se o têrço.

Algumas praças, os melhores cantores, entôavam com vóz vibrante, sonóra e cheia de sentimento, a velha oração do soldado brasileiro : « Oh, Virgem da Conceição, Maria immaculada, vós sois a advogada dos peccadores, e a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza. Vós sois dos céos princeza, e do Espirito Santo esposa. Maria, mãe de graça, mãe de misericordia, livrae-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amem.»

As musicas de quarenta batalhões acompanhavam, emocionantes, aquella préce ao luar, resada tão longe do lar querido.

Tocou, depois, *ajoelhar corpos*. Todos aquelles homens simples, rudes e crentes, que se iam bater como leões, no dia seguinte, cahiram de joelhos, e, com as mãos musculosas apertando os largos peitos valorosos, entôaram, cheios de contricção e de fé, o «Senhor Deus, misericordia».

A minha companhia estava de promptidão no quarto das nove ás onze. Ao toque de silencio, entrámos em fórma. Depois de soar a ultima nota, vibrou nos ares, maviosa e plangente, a cornêta do corneteiro-mór do 7.^o de voluntarios, batalhão de S. Paulo. Era um verda-

deiro artista ; tinha o orgulho da profissão; não tocava, *regularmente*, como os outros: flôreava, tremia, chorava, gemia e cantava ; executava o tóque como um hymno de saudade, e terminava lento, suave e muito triste, até morrer como um gemido longinquo, confundindo-se no silencio da noite.

Como nos commovia o tóque de silencio do corneteiro-mór do 7.^o de S. Paulo ! Que saudade tenho ainda daquelles tempos !.

A's onze, fômos rendidos pela 8.^a companhia e dormimos, ouvindo o tinir das varêtas batidas pelas vedêtas, que estavam proximas.

NO DIA

O 24 de maio amanheceu claro e sereno. Antes da alvorada, formámos para o *alarmá*. Vimos, pouco a pouco, surgindo da escuridão, as alvas tendas do grande exercito, estendido em columnas por aquelles coxilhas fóra. Depois, os tons róseos da madrugada alta fôram se tingindo de purpura e doirando-se á approximação do sol, que se levantava rubro, achatado, rutilo e cõrtado, ao meio, por uma cinta esbranquiçada e fina de *stratus*, como uma agatha immensa onde o genio do Brazil gravaria, com aquelles esplendores, uma data das mais memoraveis da sua historia.

Antes do tóque de parada, tocou faxina. Os sargentos entregaram ao *brigada*, os homens escalados. Recebimos do ajudante; eram vinte; mandei — *trez-á-direita, volver* — e marchei com elles para a matta da esquerda. Alli, ensarilharam as armas, e se dispersaram em busca de lenha. Fiquei só junto do sarilho. Passava o tempo, e de vagar. Olhei para o relógio : eram mais de 10 horas. Dahi a pouco, fez alto, na minha frente, o soldado José de Barros; *quadrou-se*, levou a mão direita á pála do bonet, e disse, em vóz clara e bem timbrada, com o sotaque de sertanejo :

—Saiba vossa senhoria, sô alferes, que o matto está vermelhando de cabôclos.

Encarei-o : não parecia assustado. Fui ver se era verdade ; penetrei o bosque por uma das tortuosas trilhas, e vi, muito longe, meio occultos pelas arvores, vultos vermelhos e grandes barretinas de sóla, que se moviam: eram os paraguayos.

Ou não nos viram, ou fingiam não nos perceberem, por lhes não convir se denunciarem com um ataque. Eramos tão poucos . . . Alguns dos nossos homens já voltavam ao sarilho, com o feixe de lenha ao hombro. Mandei chamar os outros ; formei-os, e segui para o acampamento.

Mal eu dava parte do que descobrira, e entregava a lenha ao official de estado, detonou sobre as nossas cabeças

uma granada inimiga. Ao estrondo, seguiu-se o tóque de *sentido*—*chamada ligeira*: todos correram ás armas.

Os paraguayos já estavam sobre nós. A granada fóra o signal do ataque geral.

O 4.^o, meu batalhão, entrou em fórma, rapido como um relampago, e, mais rapido ainda, mettu em linha, frente á esquerda. Avançava sobre nós, a galope, pelo flanco direito um regimento da cavallaria inimiga ; ia chocar-se com as duas primeiras companhias : as outras, as da esquerda, tinham pela frente uma lagôa bastante funda. Em fileira dupla apenas, resistimos ao chóque. Elles não poderam rompê-las, nem retroceder. E' que tinham pela frente os nossos bravos, cheios de ardor nessa primeira vez em que combatiamos devéras; e, pela rectaguarda, outros corpos da cavallaria paraguayana também avançavam.

Desfilaram, então, para a esquerda, ao tróte, entre nós e a lagôa. Nós os fuzilavamos efficaçmente, quasi á queima-roupa. Manobraram para nos cortarem a rectaguarda. Debalde : o nosso fogo era tremendo e a linha muito extensa : cada pelotão formára com trinta e quatro filas. O terreno era meio atoladiço. Do tróte passaram ao passo. E os bravos guerreiros do Lopez cahiam, dando lanços e talhos de espada quasi inutilmente.

Nós os batiamos de flanco. Os nossos soldados, enthusiasmados, ardentés, sahiam das fileiras, e os atacavam á bayonêta. Foi um morticinio medonho: poucos dessa força escaparam.

Grandes columnas de infantaria inimiga surdiam pelas bocainas da esquerda e accommettiam a nossa 3.^a divisão.

Sampaio cavalgava, trajando o seu bello uniforme de general, bordado a oiro, á frente das suas tropas: mandou estender linhas de atiradores e avançar. O nosso impeto foi violento. O inimigo recuou até á matta ; voltou, depois, e carregou sobre nós com bravura. Retrocedemos, pelejando.

A' nossa esquerda, combatia também em retirada, o 6.^o de voluntarios, depois 33.^o, commandado pelo Valente.

O terreno era pesado. A's vezes, atolava. Caminhava-se difficilmente. Os paraguayos avançavam lentos, calmos. Nós já protegidos pela ponte da lagôa, os fuzilavamos quasi de flanco:!

Vi, então, alguns officiaes inimigos darem de prancha nos soldados para que avançassem. Sempre ha gente que ama mais a vida que a honra.

Avançavam, e os nossos voluntarios do 6.^o, recuavam fazendo fogo, como se estivessem, em dia de exercicio, manobrando ao tóque de cornêta. O commandante Agnello Valente, alto, magro, sympathico e sereno, estacou o cavallo; estendeu a espada horizontalmente e mandou tocar—*alto-frente*. O 6.^o já pisava terreno solido : o chão

estava secco. Os paraguayos continuavam a avançar, lentamente, e fazendo fogo; nós os fuzilavamos sempre, e pelo flanco, presenciando, cheios de anciedade, aquella scena grandiosa.

A distancia entre a columna inimiga e os nossos voluntarios, era de cerca de 150 metros, quando o commandante se firmou nos estribos; ergueu-se sobre a sella; encarou, sublime, o inimigo, e fallou ao cornêta: sôou, vibrante e alegre, o toque de avançar. As bayonêtas já estavam armadas. Os bravos filhos da minha terra deram um viva entusiastico á Patria, e marcharam impávidos sobre a columna, que avançava, sempre lenta, magestosa e solemne.

Que momento aquelle!

Vibrou o som festivo do tóque de acelerado, e, logo após, os ares estrugiram com o mais grandioso de todos — o tóque de carga, que foi repetido por toda a banda. Os nossos rapazes cruzaram bayonêta, e correram impetuosos e vivos sobre o inimigo, que fez alto.

Parou?... Estava perdido.

As duas linhas se chocaram. As nossas bayonêtas penetraram nos peitos dos mais bravos daquelles heróes e nas costas de outros que, embóra valentes, recuavam em debandada. Batemos palmas, orgulhosos dos nossos companheiros. E das linhas dos veteranos do 4.º de infantaria, ergueu-se um viva delirante ao 6.º de voluntarios, que seguia, como louco, ferindo e matando, e juncando de cadaveres aquella terra tão ensopada, naquelles dias, com o sangue de seus valorosos filhos.

O cabo Militão, veterano da guerra do Rosas, e filho de Pilão Arcado, exclamava: — Valente como o defunto sô coronel Victor.

O velho bahiano tinha sido praça do *Tremeterra*, o antigo 5.º de caçadores, hoje 12 de infantaria.

O 4.º avançava tambem.

Novas columnas, de côr avermelhada e armas scintillantes, surgiam após outras, do verde escuro das bocainas, e guerreiros acobreados, espadaúdos, montados em pequenos cavallos, com os estribos de *rodella* entre dois dedos dos pés, com *chiripás* de lã vermelha listada, tiradores de coiro bem sovado na cintura, cahindo abaixo dos joelhos, com *boleadeiras* nos tentos, empunhando lanças enormes, ou brandindo espadas curvas afiadas, avançavam a galope, em gritaria infernal, sobre os nossos batalhões, meio desordenados já pelas cargas repetidas que davam, pelas linhas de atiradores que sahiam, pelas fileiras que rareavam, pelos officiaes que morriam, pelos chefes que tombavam.

Sampaio fôra ferido gravemente; o meu commandante tambem estava fóra de combate.

A nossa bandeira tremulava, beijada pela amorosa brisa da gloria. O alferes Celso de Assis, joven paraense, meu amigo, tinha a honra de carre-

gal-a; estava orgulhoso, sorridente. Os cabos que a guardavam eram valentes como elle. Inclinou-se, de repente, o pavilhão glorioso, mas não chegou a cahir. Ergueu-se de novo, mais bello e mais alto, fluctuando sereno e manso, estendendo as largas dobras á direita e á esquerda, como que agradecendo áquelles que, abrigados á sua sombra augusta e sagrada, derramavam o seu sangue para que elle continuasse a tremular sempre immaculado.

Estava morto o querido Celso. Uma bala atravessára o talabarte e lhe varára o coração. A haste escapou-lhe das mãos hirtas; a bandeira enclinou-se; ia cahir. Um cabo levantou-a; outro cabo amparou o moço official, que morreu sem um ai. O talabarte tinha, na altura do peito, um grande rombo, e o veludo verde, os galões de oiro se tingiram de vermelho pelo sangue que jorrava abundante. Tiveste, amigo Celso, um glorioso fim. Se pudéres, da mansão da gloria, descobrir o que se passa na terra, verás o velho camarada derramar sobre a tua memoria uma lagrima de saudade.

Os batalhões avançavam; a artilheria rugia rapida, infatigavel; parecia a revolver: era um contínuo trovejar. Cornêtas sôavam a carga; lanças se enristavam, crusavam-se as bayonetas; rasgavam-se as carnes sadias dos heróes; espadas brandidas ás duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam craneos, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados se formavam aqui; além, ouvia-se o tóque de *assembléa* e as linhas de atiradores se reuniam, ora em circulo, ora formando os quatro camaradas de combate, de bayoneta crusada contra a cavallaria que vinha a galope: era uma confusão immensa, toda cheia de fortes impressões. A batalha attingia o momento decisivo. O ataque mais forte fôra á 3.ª divisão, que resistia heroica, porque todos, modestia á parte, a consideravam o escól do exercito.

Havia bem cinco horas que combatiamos sem cessar, e não estavamos fatigados. Não ha tempo que corra tão ligeiro como o das batalhas.

De quem seria a victoria?

Surge, no seu bello cavallo de combate, o general Osorio, com o largo chapéo de feltro negro, o ponche fluctuante deixando ver a góla bordada, com a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, com o olhar fascinante, dominando aquelle scenario tragico da gloria e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aquelles labios seccos, daquellas gargantas roucas, sahiu immenso, entusiastico, um viva ao general Osorio!

Tudo se transformou ao tremular magico da bandeirola da lança legendaria. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquelle homem, immen-

samente amado, e levou de vencida, até ás profundezas densas da matta, os guerreiros inimigos, que sobreviveram á horrorosa hecatombe.

A batalha estava ganha.

Quando chegou o general Osorio, o Pantaleão Telles, commandante do seu piquete, e meu amigo, chegou-se a mim e disse-me: — Acaba o *Velho* de retomar, em pessoa, á frente de dois batalhões bahianos, a artilheria do Mitre.

Alguns corpos destacaram linhas de atiradores, que tirotearam, friamente, até ao anoitecer.

A derrota foi completa. O campo de batalha ficou, literalmente, juncado de inimigos mortos.

Lopez empenhára, nesse dia, todas as suas forças, e as atirára contra nós por todos os lados. O ataque foi fulminante. As forças são quasi iguaes. Tinhamos, felizmente, á nossa frente, o grande Osorio, que surgia sempre, como um semi-Deus, nos momentos mais criticos, levando comsigo a victoria. Eu ouvi, e narro com ufanía e orgulho, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a meio, com a auréola da morte doirando-lhes os cabellos empastados de sangue, murmurarem com vóz desfallecida, quando elle passava: viva o general Osorio; viva Osorio.

Sôou, finalmente, o tóque de *cessar fogo*. Eu estava numa linha de atiradores. Recolhi com ella ao batalhão, que formava em columna cerrada á beira de um laranjal. Quantos, dos que jaziam para sempre debaixo daquella sombra amena, pensaram, exálando o ultimo suspiro, nas flôres daquellas arvores e na morte das esperanças de moços?

Quando se acabou a batalha, eu tinha a minha blusa, unica, rôta na altura do hombro direito, por uma bala, que me passou triscando a pelle. A minha espada estava partida pelo meio, e as botas, que eram uns cothurnos reiúnos trazidos do 1.º regimento, tinham deixado os soldados nos banhados.

Era noite quando voltámos ao acampamento. Perto da minha barraca, estava estendido morto, com os miólos de fóra, um amigo de infancia, collega do collegio Dois de Julho, na Bahia, o tenente de voluntarios Emygdio de Azevedo Monteiro. Ajoelhei-me ao seu lado; apertei-lhe a mão gelada e dei-lhe um beijo de adeus na larga tésa ensanguentada.

A porta da minha barraca, achei fncada no chão, uma espada de official, empapada de sangue. Experimentei-a na bainha: serviu; fiquei com ella e, com pezar, atirei fóra o pedaço que restava da outra, a minha companheira mutilada. Nunca pude saber a quem pertencia; guardei-a e prometti honral-a sempre.

DYONISIO CERQUEIRA

PAGINAS ESQUECIDAS

A CABRA, O CARNEIRO E O CEVADO

Uma cabra, um carneiro e um cevado
Iam numa carroça todos trez
Caminho do mercado :
Não iam passear, é manifesto ;
Alguem que fôsse no rasto
Dava com elles talvez
Nalguma casa de pasto...

Mas, emfim, vamos ao resto.
Ia o cevado numa gritaria,
Que a cabra e o carneiro,
Não podendo na sua boa fé
Advinhar a causa do berreiro,
Diziam lá comsigo :
« Que mania !
Cá este nosso amigo e companheiro
Por força gôsta mais de andar a pé.»

O caso é
Que o cevado gritou tanto ou tão pouco,
Que o carroceiro
Perde a cabeça,
Váe como um louco,
Saca um fueiro
E diz-lhe : « Hom'essa !...
Essa agora !

Pois o senhor não vê que esta nem chóra,
Que nem sequer as lagrimas lhe saltam
Como é tão natural numa senhora ?...
Guélas não lhe faltam, e de ferro...
O ponto é que ella as abra ;
Mas é cabra...
Teve creação :
Não dá um bérro
Sem alguma razão !
E cuida que este cavalheiro é mudo ?
(Aqui o cavalheiro
Era o carneiro) ;
« E' sério, tem proposito, é sisudo !
A's vezes bérra, que estremece tudo ;
Mas só quando é preciso ;
Tem juizo !
Miôlo !»

— « Miôlo ? exclama o outro ; pobre tôlo !
Elle suppõe que o levam á tosquia,
E' por isso nem pia !
Esta pensa tambem que váe de carro
Ao tarro ;
Deixá-los, lá se avenham ;
Mas porcos não se ordenham ;
Cevados não se ordenham nem tosquam ;
De mais sei eu o fim com que se criam,
De mais sei eu !...
Por isso brádo ao céo,
Por isso chóro a minha triste sorte !
Por isso gritei, grito e gritarei,
Do fundo da minha alma, até á morte,
Aqui d'el-rei !» —

Fallava como um sabio ! Muita gente
Não discorre com tanta discreção,
Infelizmente.

Quando o mal
E' fatal,
A lamuria que vale ? !
Que vale a prevenção ?
Antes ser parvo, do que ser prudente ;
Porque o parvo, esse, ao menos, menos sente.
Não vê um palmo adeante no nariz ;
Vé o presente
E' está contente ;
E' mais feliz !

JOÃO DE DEUS.

LORD BEACONSFIELD

II

As linhas da sua biographia são conhecidas. Seu pai era um desses litteratos mediocres e trabalhadores que vão desenterrando e colleccionando, através de *in-folios* e bibliothecas, casos curiosos e archaicos de historia e de litteratura.

Benjamin Disraeli nasceu, por isso, entre os livros — litteralmente entre os livros, porque a casa em que viviam os Disraeli, offercia o espaço de uma bocêta, e no quarto de criança, entre a accumulção vetusta dos calhamaços, havia apenas espaço para uma cadeira e para um berço. O velho Disraeli era judeu : mas, felizmente, para os destinos futuros de seu filho, rompeu com a synagoga, e todos os Disraelis se fizeram christãos. Benjamin tinha então dezeseite annos, e o seu padrinho na pia baptismal foi um certo Samuel Rogers, notavel por ser, ao mesmo tempo, um dos mais ricos banqueiros da *City* e um dos poetas mais elegiacos do seu tempo — e notavel ainda por não ficar na historia, nem como banqueiro nem como poeta, mas como um requintado *Gourmet*, o grande Lucullus de Londres, que deu os mais celebres, os mais finos jantares da Europa.

Assim marcado com o rotulo christão, Benjamin Disraeli largou a caminhar pela vida fóra, mas foi encalhar bem depréssa num cartorio de tabelião — onde se diz que, durante dous annos, este moço orgulhoso, que já então se considerava um semi-Deus, redigiu procurações e testamentos. Com a mesma penna, porém, ia escrevendo *Vivian Grey*: e da tempestuosa sensação que este romance produziu, data a sua grande carreira. A obra, á parte algumas fugitivas scintillações de um genio ainda desequilibrado, é no seu conjuncto ao mesmo tempo pesada e vaga; mas satisfazia, os gostos escandalosos e intrigantes da sociedade d'então, pondo em scena todas as individualidades marcantes de Londres, politicos, dandys, «rainhas da moda», poetas e especuladores.

O melhor resultado de *Vivian Grey*, foi tornar Disraeli Junior (como elle então se assignava) o favorito de lady Blenington e do conde d'Orsay, as duas dominantes figuras do Londres dessa época, e que tinham, *de sociedade*, o mais selecto, mais intelligente, mais appetecido salão de Inglaterra.

Lady Blenington era uma mulher de graciosa e olympica belleza, de uma extrema audacia de character e de alta energia intellectual: estes dois formavam um typo destinado a reinar. O conde d'Orsay, esse era o homem que durante vinte annos governou a moda, o gosto, as maneiras, com a mesma indisputada auctoridade com que hoje o principe Bismark arbitra na Europa.

Usar um modelo de gravata ou admirar um poeta que não tivessem sido approvados pelo conde d'Orsay, seria correr o mesmo risco d'uma nação que hoje, sem auctorisação secreta do principe de Bismark, organisasse uma expedição militar. Lady Blenington, entre outras cousas embaçadoras, tinha uma filha : e o bello d'Orsay, não sei porque, nem elle o soube jámais, casou com essa menina. Os noivos vieram viver com lady Blenington; e bem depréssa, entre seu brilhante marido e sua resplandecente mãe, a pobre condessa d'Orsay foi como uma pallida lampada bruxuleando entre dous astros. Fez então uma cousa sensata e espirituosa: apagou-se de todo, desapareceu. E o conde d'Orsay e lady Blenington, livres daquella senhora que entrestecia, regelava as salas com o seu ar honesto e frio, começaram então a scintillar tranquillamente, como constellações conjunctas no firmamento social de Londres. E Londres curvou-se diante desta nova e original situação domestica, como se curvava diante de uma nova sobrecaçaca do conde d'Orsay, ou diante de uma decisão litteraria de lady Blenington.

Benjamin Disraeli tornou-se bem depréssa um dos heróes deste salão — onde desde logo se mostrára com esse ar de tranquilla superioridade, de correcto desdém, que foi um dos segredos da sua força. Ordinariamente conservava-se callado, apoiado ao marmore da chaminé, numa pôze d'Apollo, melancolico, abandonando-se á caricia ambiente dos olhares das damas que viam nelle a encarnação radiante do poetico *Vivian Grey*. As pessoas mais intimas, começando por lady Blenington, já lhe chamavam sempre *Vivian*, querido *Vivian*. O conde d'Orsay fizera-lhe o retrato a sépia — honra que elle dava raramente, e a mais appetecida nesse curioso mundo.

Todos estes triumphos de Disraeli Junior não deixavam de surprehender Disraeli Senior. Um dia, dizendo-lhe alguem que o filho estava compondo um romance em que entravam duques e toda a sorte de grandes, o velho e laborioso litterato exclamou : — Duques, senhores ! Mas, meu filho nunca viu nenhum sequer !

Viu muitos depois, viu-os todos — e governou-os com uma vára de ferro. Mas, nesse tempo, o bello Disraeli Junior era ainda radical, ou tomára ao menos essa attitude. Meditava mesmo, a sua *Epopéa da Revolução* — a sua unica obra em verso de uma vaga rapsodia, que eu nunca li, mas que os criticos mais benevolos fallam como dum volume de duzentos paginas, sem uma só linha toleravel. E, cousa curiosa, este homem tão fino, tão sceptico, tão experiente, nunca perdeu a candura quasi comica de se considerar um

grande poeta como Virgilio ou como Dante, e a esperança phantastica de que as gerações futuras pôriam a *Epopea da Revolução* ao par da *Eneida*, ou da *Divina Comedia*.

Apezar de poeta abominavel e de perfeito dandy — ou, talvez, por isso mesmo — Benjamin Disraeli era reconhecido, nesse tempo, como um dos chefes do movimento da *Joven Inglaterra*.

A *Joven Inglaterra* consistia num grupo de rapazes, ardentes e aristocratas, que se tinham embebido de revolução através da litteratura; fallavam muito da Humanidade, e queriam sobretudo um *burgo pôdre* que os nomeasse deputados; cultivavam pelos salões o amor platonico, quereriam ver o povo feliz comtanto que estivessem elles no poder para promover essas felicidades, e (traço decisivo das suas maneiras e da sua *pose*) quando se escreviam uns aos outros tratavam-se por *my darling, meu amor!*

Tinham ainda outros distinctivos: usavam o cabello á *nazarena*, mostravam a coragem (enorme nesse tempo) de admirar o odiado Byron, e procuravam elevar e aperfeiçoar a arte da cozinha em Inglaterra!

No emtanto, Benjamin Disraeli já estava bem decidido a sacudir o seu radicalismo — quando fôsse necessario aos interesses da sua carreira. E essa carreira via elle, então, apezar de desconhecido e pobre, tão claramente triumphante no futuro, como se a tivesse diante dos seus olhos escripta, parte por parte, num programma.

Em pleno reinado dos *tories*, é característica já a sua resposta a lord Melbourne, primeiro ministro então, que lhe perguntava «o que elle tencionava fazer.»

— Ser eu primeiro ministro d'aqui a pouco — respondeu o dandy, com as suas maneiras á *Vivian Grey*.

Lord Melbourne viu nesta resposta, uma odiosa e insolente jactancia. E assim parecia, quando, tempos depois, Disraeli, já deputado por Wycombe, fez o seu primeiro discurso — e o viu suffocado pelas gargalhadas e pelos apupos. Como não podia dominar o tumulto, calou-se, dizendo apenas estas palavras mais:

— Hoje não me quizestes ouvir. Um dia virá em que eu me farei escutar!

E um dia veio, em que, não só a Camara dos Communs, mas a Inglaterra, todo o continente, a terra civilisada, escutavam com anciedade as palavras que iam cahir dos seus labios, e que traziam consigo a paz ou a guerra na Europa.

EÇA DE QUEIROZ

Londres, 1881.

(Continúa).

O GENERAL PEDRO LABATUT

(CEARÁ)

Desse momento, ficou accentuado o rompimento. Alencar retirou a sua protecção a Labatut, e José Mariano assumiu, em frente delle, posição hostil, e a imprensa da situação, o *Cearense Jacaúna*, redigido na capital por José Ferreira Lima Sucupira, e o *Clarim da Liberdade*, (no Aracaty) redigido pelo energúmeno Joaquim Emilio Ayres, deixaram de cantar os feitos *gloriosos* de Labatut, para converterem-se em buzinas, a lhe aturdiem os ouvidos, com improperios de cada dia!

Sucupira era da familia que fazia politica no Crato, para Alencar. Com obscuras antecedencias de soldado, tinha andado em todas as rusgas do Ceará, desde 1817, em que padecceu muito. Em 1823, Carvalho Couto, que se apoderára do governo provisório, na ausencia de Filgueiras, o destinou á morte com o almoxarife João Carlos da Silva Carneiro. Em 1825, a commissão militar ainda o condemnou á morte; remettido, porém, para o Rio, alli foi posto em liberdade por Pedro I, accedendo á lastima das suas filhas. Depois se fez padre, depois advogado, depois, finalmente, jornalista. Era o que se chama um homem *azougado*, menos máu por indole, do que por atordoamento. Em cousas graves da politica nacional, elle perdia a cabeça. Escrevia mal, e discernia peor.

Joaquim Emilio Ayres era um ourives anarchista, que fugira de Alagôas á imminencia do fuzil, nas desordens de 1824, nas quaes fizera, aliás, papel somenos. Vivia no Aracaty com aquelle falso nome, com o qual escapára, pois que se chamava, primitivamente—Joaquim Ignacio Wanderley.

Turbulento, e até malfasejo a ponto de fazer assassinar a tiros, pelas grades da cadeia do Aracaty, a um infeliz, que votára ao trabuco dos seus entusiastas, attribuindo-lhe intenções de matal-o. Ayres escrevia por páus e por pedras, num apostolado de *federação*, sem nenhuma correcção, e num estylo detestavel.

Fazia de medico, provisionado pela camara municipal e, com isto, armou a popularidade, ou *populacidade*, como dizia José de Alencar.

No Aracaty, adquiriu, em ponto pequeno, a respeitabilidade de Marat, de quem parecia uma viva emanação. Quasi á força se fez juiz de paz da opulenta villa, o que importava ter esta sob o seu jugo.

Tanto Sucupira, como Ayres, tinham *rouha* á familia Castro, cuja séde era o Aracaty; isto, por factos da sua preponderancia de outros tempos.

Estes dois periodicos serviam de orgão do *abrilismo* puro, principal-

mente o *Jacaúna*: e havia outro periodico — *Semanario Constitucional*, da Fortaleza, que representava o *adhesismo*, sob os auspicios da familia Castro, sendo chefe Nascimento.

O seu redactor era Angelo José da Espectação Mendonça, homem do fôro, de uma familia do Icó, muito quintada pelo fuzil da *comissão matuta* e pelo bacamarte dos *carcundas*.

Associára-se aos Castros, quando estes se tinham separado de Conrado, e ficou com elles até adiante de se reunirem a Alencar.

Era juiz de paz da Fortaleza. Escrevia mal como os dois collegas, porém mais comedido.

* * *

Foi um furor, quando se soube da entrega de Pinto Madeira e Antonio Manoel ao presidente de Pernambuco. Aquillo vinha a ser uma traição á causa, e tudo se envidou para colhel-os ás mãos, e entregal-os á autoridade do Crato, para fazel-os morrer!

Alencar tratava do grande *desideratum* junto á Regencia, emquanto a sua imprensa praguejava Labatut, clamando vingança, da qual, si o vigario Antonio Manoel logrou escapar, não foi sinão por obra do seu collega vigario do Crato, que intercedeu por elle junto ao filho, já então senador, e, na côrte, do regente, uma especie de amon.

No emtanto, Labatut, de uma garulice extrema para amainar os odios, tinha no seu secretario um amigo, que soffria de *empofia* e que, presumido de penna privilegiada, mettia inveja, ostentando uma sapiencia, que, embóra muito tumida, excedia, todavia, á que se encontrava na terra; pois que, seja dito de passagem, o Ceará era po-brissimo em sciencias, e os seus homens estavam no coice das classes lettradas, que surgiam no paiz, ou, mais que tudo, pedanteavam.

Era uma miseria a nossa imprensa de 1832, e tudo mais á imagem della. No mundo official, distinguia-se o padre Antonio Pinto de Mendonça, embóra sacrificando sempre ao seu futuro, e na politica; e Manoel José de Albuquerque, antigo secretario da presidencia, estudante bahiano que passára por Coimbra — creatura de quem se pôde dizer que fôra a manha e a astucia humanadas.

Labatut perdeu inteiramente a cabeça, quando se viu accommettido pelo *Clarim* e *Jacaúna*, vindo em auxilio delle sómente o *Semanario*.

A's banalidades, em má lingua, do energúmeno de Alagôas, quiz responder com a força! José Mariano, que, em officios mui geitosos, do estylo do padre Pinto, o fez abandonar a sua idéa de regressar por Pernambuco; prohibiu-lhe tambem, expressamente,

vir pelo Aracaty, onde elle pedia permissão para tocar afim de *reprimir o anarchista*, que dictava a lei aos turbulentos da terra, e se tinha feito forte, com um partido de rapazes, e a sua vára de juiz de paz, lugar de extrema preponderancia naquelles tempos.

Não traduzia bom senso e capacidade politica tanto furor do general, si bem que a imprensa nascente encomendasse tanto aos espiritos não affeitos á novidade. Cambucy do Valle não foi mais correcto do que o seu amigo.

Ao chegar a S. Bernardo, 10 leguas do Aracaty, Ayres, prevenido das tentações de Labatut, fez enorme patacuada de resistencia, armando a flôr da sua gente; mas, Labatut viu-se obrigado a renunciar ao seu proposito, entrando na Fortaleza em fins de março de 1833.

* * *

A expedição mallogrou-se, portanto, no sentido da guerra, visto Labatut não ter tido occasião de dar um tiro, e quanto á politica, não deixou de lhe ser fatal. Emquanto elle aguardava transporte para o reconduzir, degladiavam-se *Jacaína* e *Semanario*, em phrase desrespeitosa, e se accentuava mais o desmembramento dos partidos, ficando os Castros— Joaquim José Barbosa, João Facundo de Castro e Menezes e outros, em posição muito esquerda para com Alencar, embóra as hesitações e incoherencias de Nascimento, que chegava a render, de quando em vez, o seu tributo aos inimigos de Labatut, como fôsse Cavalcante, a quem dirigiu uma carta de felicitações pelos serviços da campanha: perpetuo escandalo para as almas piedosas!

Houve rumores de ajuntamento de gente por Cascavel, Aquiraz e outros pontos, para forçar o embarque, mais cêdo, da expedição: motejos por ter o general uma guarda á sua porta, etc. E tudo produziria uma rusga, si não fôra a diversão que já se ia operando no campo dos seus adversarios.

O ouvidor Manoel José Cardoso, juiz da escola de Alencar, homem amalucado, já andava ás trélas com Emilio Ayres, no Aracaty, incorrendo no desagrado daquelle chefe. Os poucos officiaes da terra, que estavam na capital, tendo á frente o tenente Manoel Lopes Pecegueiro e alferes João Baptista de Mello, rompiam com José Mariano, doestando-o na imprensa, e dispondo uma *bernarda*, que por fim, sahiu á rua em 10 de novembro, quando Torres, deixando o commando da nova comarca, veio reunir-se aos seus parentes, que monopolisavam a farda no Ceará, constituindo uma tribu militar.

Chegado á côrte em 30 de abril de 1833, como que Labatut se achou novamente fóra das gaças dos situ-

acionistas. Em 17 de junho, foi licenciado por um anno, para ir á Europa, só voltando ao serviço em 30 de setembro de 1834.

* * *

Em completa disponibilidade no Rio-de-janeiro, foi aproveitado, em 10 de janeiro de 1840, pelo ministro marquez de Lages, para uma commissão de guerra, a saber—o commando de uma expedição por S. Paulo, (Paraná) destinada ao Rio-grande-do-sul.

Demittido desse cargo, a 11 de fevereiro de 1841, apresentou-se no quartel-general, vindo já do Rio-grande-do-sul, e para logo (19) foi submettido a conselho de investigação em consequencia de accusações, que lhe fez o general em chefe do exercito do Rio-grande-do-sul.

Labatut foi absolvido, sendo declarado sem culpa nos insuccessos da campanha. Fôram estes os factos...

O regente Pedro de Araujo Lima tinha combinado um plano strategico contra os rebeldes de Piratinim, consistindo este em retel-os em Vião, para ahi batel-os, como Andréa havia indicado, e devia ser levado a effeito pelo seu successor, general João Paulo dos Santos Barretto.

Labatut, organisando em S. Paulo, uma força de mais de mil homens, sob a denominação de — divisão *Paulista*, devia seguir para Sta. Catharina, e dalli para o Rio-grande.

Effectivamente, elle chegou a Lages, e, partindo dahi, attingiu á serra, para occupar a posição de Passo-fundo.

Os rebeldes viram perfeitamente o perigo, que corriam, de ficarem sem sahida desde que o exercito legal, além das communicções por mar, tivésse caminho aberto por Sta. Catharina para as suas communicções com o Rio-de-Janeiro. Pelo lado do sul, elles estavam inhibidos de sahir por se acharem bem guarnecidas as diversas passagens.

Era de mistér escapar a Labatut, ganhando os campos para terem liberdade de movimento.

João Paulo estava em Rio-pardo, quando Labatut chegou alli.

Canabarro deixou Vião em começo de 1840 com cêrca de 1800 homens, em quanto Bento Gonçalves se deixava ficar com uns 500, apparentando não ter havido aquella retirada, devendo os dois reunir-se na Serra, para baterem Labatut, e entrarem na campanha.

O reconhecimento, que uma fôrça de Porto-alegre executou sobre Vião, pôz a limpo o estratagemma dos dois chefes, e isto decidiu Bento Gonçalves a seguir outro caminho, conseguindo reunir-se a Canabarro em Vaccaria, a 27 de dezembro.

No emtanto, Labatut, que já tinha engrossado as suas fôrças com 1600 praças, tendo chegado a Passo-fundo, receioso, deixára esta posição, seguindo para Cruz-alta, onde julgava de necessidade provêr-se de cavalhada. Não a tendo obtido, regressou com a sua divisão, e deixando-a em caminho, mal armada, mal vestida e sem a precisa mobilidade á falta de cavallos, seguiu dahi para o Rio-pardo, a entender-se com João Paulo, e do Rio-pardo para Porto-alegre, onde chegou a 6 de janeiro, doente e em extremo cansado.

Tanto bastou para que Bento Gonçalves completasse o seu movimento de retirada.

Chegado a Passo-fundo no 1º de janeiro, e, não encontrando a divisão de Labatut, o transpôz, ficando a salvo do cêrco projectado.

* * *

Labatut não mais voltou ao seu commando, e, mal recebido no Rio-de-janeiro, retirou-se da scena inteiramente. Já era um homem invalidado pela idade, molestias e trabalhos.

Com a patente de refôrma em marechal de campo, deixou o Rio-de-janeiro, e foi residir na Bahia, onde falleceu a 24 de setembro de 1849.

Sepultado no mosteiro da Piedade, fôram os seus ossos transferidos em 4 de setembro de 1853, para a matriz de Pirajá, como elle pedira, querendo por ventura que essa terra os guardasse com o amôr que esperava, visto os seus serviços á Independencia.

A Bahia tem tido em muita veneração esse cidadão adoptivo, na conta de um dos seus homens mais notaveis.

Ao lado delle, jazem outros vultos da historia daquella provincia — brigadeiro Luiz Paulino da Fonseca Garcez, Manoel Joaquim Pinto Pacca, João Jacome de Menezes Doria e o major Joaquim Lopes Jequiriça.

Além da tradição, que recolhemos durante muitos annos nos sertões do Ceará, devemos esta mais copiosa noticia sobre o general Labatut, ás informações que o snr. marechal Mallet nos fez ministrar pela repartição da guerra; á leitura de Accioli, de Abreu Lima, de Teixeira, de Ara-ripe, etc.; e ás polemicas do *Jacaína*, *Clarim* e *Semanario Constitucional*, jornaes da época regencial.

J. BRIGIDO

SCIENCIA E INDUSTRIA

TELEGRAPHOS

As linhas telegraphicas da Australia têm uma extensão de quarenta e oito mil milhas, com um desenvolvimento de fios excedente a cem mil

milhas, miliagem maior que a dos paizes europeus, exceptuadas a Russia, a França e Allemanha. Em proporção, o numero de habitantes é provavelmente seis vezes maior que a de qualquer paiz do mundo, exceptuando, apenas, a Nova Zelandia. Existem alli mais de trez mil estações telegraphicas sempre ao serviço da população que não excede a quatro milhões, e a renda arrecadada é sufficiente para o custeio e para dar 3% de remuneração do capital empregado nas linhas.

Para as cidades e suburbios, numa ráia de dez milhas, a tarifa fixa é de vinte centavos por um despacho não excedente de quinze palavras, e de dezoito centavos para os despachos de egual numero de palavras no territorio do mesmo estado, e vinte e quatro para dentro do paiz, sendo, em todo o caso, a taxa para cada palavra extraordinaria, dois centavos. Essas taxas são as mais baixas conhecidas, á excepção das adoptadas em Nova Zelandia; entretanto, estão perfeitamente justificadas pelas experiencias mais lisongeiras nos Estados—New South Wales, Victoria e Queensland.

Comparando essas taxas minimas com as existentes nos Estados Unidos da America, da mesma área territorial que a Australia, e ponderando que as distancias percorridas pelas linhas, são maiores que as das estações telegraphicas americanas, a taxa australiana vem a ser menos de metade da norte-americana, não falando da tarifa urbana, que não tem paralelo.

A principal razão desse resultado admiravel, é ser o telegrapho administrado pela industria privada cujos processos são mais economicos e productivos. Assim, os dezoito milhões de dollars, tomados, por emprestimo, pelo governo australiano, impõe-lhe um onus inferior a 3%. Além disso, os serviços telegraphico e telephonico estão incorporados ao postal, de sorte que a mesma estação, os mesmos agentes operam, sem difficuldade e com minima despeza, nos trez.

Nos Estados Unidos, ha uma agencia de correio para uma área habitada por mil pessoas, ao passo que nos mais novos, nos mais pobres e de menos densa população, existem na Australia seis mil estações postaes ou uma para cada seiscentos e sessenta e seis habitantes, e mais de trez mil dellas são, ao mesmo tempo, estações telegraphicas, cabendo uma para mil e quinhentas pessoas.

Nos paizes europeus, a Gran Bretanha, com uma população muito densa dentro de pequena área, é o que maior uso faz do telegrapho: das mensagens expedidas tocam, por anno, duas a cada habitante; nos Estados Unidos, onde a população é muito disseminada e separada por grandes distancias, o coefficiente é um despacho por anno para

cada habitante. Na Australia, onde a população de quatro milhões é ainda mais esparsa no vasto territorio, os fios telegraphos, emittem, para cada habitante, duas mensagens e meia por anno. Nova Zelandia, entretanto, excedeu á sua vizinha. Alli, o governo fornece uma estação postal para quinhentos habitantes e um pôsto telegraphico para oitocentos. Cada habitante expede quatro telegrammas por anno, sendo a renda deste serviço, apesar das taxas mais baixas que as australianas, muito mais satisfatoria.

Estas observações convérgem, eloquentemente, para demonstrar que o serviço particular é mais vantajoso para o publico, offerecendo-lhe melhor artigo por mais baixo preço, além da inestimavel vantagem de libertar o governò do onus dessa complicada administração, mórmente quando ella está, como entre nós, dividida em repartições dispendiosissimas, com grandes legiões de funcionarios, e dominada pela politica, a pretexto de ser esse serviço de confiança immediata do governo. Succede, muita vez, que a nomeação de um agente de correio, a demissão de um chefe de linha ou a remoção de um telegraphista, provocam crises partidarias.

O ALMIRANTE (14)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO IX

Hortencia, abraçada á mãe, começou a contar-lhe a vida da rôça nos dois annos depréssa passados, narrativa pittoresca, salpicada de episodios alegres, burlêscos, que continuou durante o trajecto da estação ao palacio da marquezia. D. Eugenia, encantada com a robustez e as bellas côres da filha, tostada pelo sol, muito crescida e graciosa, ouvia, com infantil curiosidade e a ancia de saciar saudades, os casos que a imaginação da vibrátil rapariga enfeitava com o colorido vivo e forte de factos notaveis; contava-lhe as incessantes caricias da marquezia, a magnificencia das festas da fazenda, a perfeição dos trabalhos, das machinas, e as qualidades primorosas do doutor Sumer, seu professor de linguas e gymnastica, homem extraordinario que sabia tudo e era um bravo, como tivéra occasião de observar no incendio do cannavial. Affirmava, por fim, que, se não fôra ingratição, desejaria morar no campo: mas o papá não podia, infelizmente, deixar o emprego no Paço, e as manas detestavam a rôça, como genquinas cariocas, moças da côrte, para quem a Tijuca e a Gavea estão nos antipodas da ineffavel, da imprecindivel rua do Ouvidor.

—Tu — observou Amelia — te resignaste á rôça por seres muito moça ainda. Confesso que sinto arrepios, lembrando-me da monotonia dos campos, das montanhas, tudo deserto, tudo selvagem, da escuridão das noites infindaveis, dos barulhos dos sápos, dos pios das corujas... E, quando chove, é, então, um horror..

—Pois eu—atalhou Laura—estimaria passar algum tempo fóra da cidade, onde houvesse muito leite, muita fructa. Quizéra ficar, como a Hortencia, tostada, como uma cabôcla robusta.

—E as relações com tabaréos, com gente rude, sem educação, sem trato social.

—Enganas-te—ponderou Hortencia —Tinhamos excellentes relações, muito bons amigos da vizinhança, moças educadas na Europa, na côrte, o padre Paulo, o doutor Sergio de Lima, um moço muito distincto e bem bonito. . . que era o nosso companheiro de quasi todas as noites. muito amavel. de educação primorosa. . . Se o conhecessem, ficariam encantados. .

Como tu estás enlevada! —insinuou Amelia, ironicamente — Já não acho extraordinario que te apaixonasses pela rôça.

Hortencia corou e abraçou, mais uma vez, a mãe, para dissimular a commoção que lhe avivava as palavras da irmã mais velha.

Chegando ao palacio, illuminado pela primeira vez, depois da morte do marquez, e, percorrendo-lhe todos os aposentos, que Marianna arrumára com solícito cuidado para lhes tirar o melancolico aspecto do abandono, a marquezia não pôde conter as lagrimas provocadas pelas recordações alegres e tristes, que lhe occorreram de tropél, como um bando de amigos saudosos a lhe invadirem o coração.

— A minha casa — exclamou ella, entre soluços — Como me doía estar longe della. Ah, minha casa querida...

Um creadoa presentou-lhe uma carta, entregue, havia poucos minutos, por um caixeiro de Martins & C.

A marquezia estremeceu de jubilo, vendo sellos americanos no volumoso subscripto, e a letra de Oscar, grossa, alta e cerrada, como um pelotão de marinheiros alinhados nas vêrgas em continencia. Passou-lhe pelos olhos um fulgor de ventura como se aquella carta lhe compensasse as saudades, as commoções do regresso, como se toda a alma se lhe expandisse num deleite ineffavel. Era a carta esperada como prenuncio da volta do querido Almirante. Leu-a com soffreguidão, desdobrando, com mãos tremulas, as folhas de fino papel marcado com o annuncio de um hotel de S. Francisco, sorrindo, meneando a cabeça, ora rapida, ora lentamente, demorando nos tópicos mais interessantes, até sellar com um

beijo as palavras finaes — filho do coração.

E, voltando-se para os amigos, que a interrogavam, em silencio, com olhares brilhantes de curiosidade, disse-lhes, com um suspiro de allivio, e limpando as lagrimas :

— Oscar voltará dentro de um mez. Que bonitas coisas me diz. Esses episodios interessantes da viagem á Australia, a Nova Zelandia, de Hong-Kong a Honolulu... E que de perigos o ameaçaram atravessando o immenso oceano terrivel, açoitado por cyclones... Que horror !... Que lições para a vida do homem do mar... Está muito satisfeito, e manda lembranças a todos...

— De mim não se lembrou — disse Hortencia.

— Ingrata ! Ouve : « A' querida Hortencia agradeço a consolação que te proporcionou, fazendo-te companhia no exilio a que te condemnaste para realizar o teu admiravel plano de transformação da fazenda...

— Elle escreveu isso ?

— Vê, incredula...

E Hortencia, tomando a carta, repetiu a leitura do trecho e mais as palavras : Dize á Amelia... Mas a marquezia interrompen a leitura, deixando-a numa irrepressivel ancia por saber todo o recado dirigido á irmã mais velha, que continha, a custo, uma forte commoção.

Mais aguçada ficou a curiosidade de Hortencia, quando a marquezia, aproximando-se de Amelia, lhe disse, á puridade, algumas palavras sublinhadas com um sorriso de malicia :

— Não sabia que vocês se correspondiam : Oscar escreve que talvez não tenha mais tempo para responder-te.

Amelia enrubesceu, e murmurou com fingida indifferença :

— Uma carta vulgar de felicitações... com algumas noticias da côrte...

— Sômente noticias ?

— E... algumas banalidades de velhos camara-las... Que mais poderia ser ?...

— Por tão pouco não valia a pena ficares toda vermelha e vêxada... Bem sei que as moças não gostam de que lhe devassemos o coração. Agóra, toma conta dos amigos que vou mudar este traje de viagem.

A marquezia encerrou-se nos seus aposentos.

Marianna inspeccionava a côpa, dando ordens aos creados, e d. Eugenia, no salão, fazia as honras da casa, recebendo os amigos em grupos, cada vez mais engrossados pelos que iam chegando a darem bôa vinda á fugitiva castellã. Fallava-se da politica ; commentavam-se os ultimos acontecimentos, a superexcitação popular suscitada pelo projecto de abolição, immediata, incondicional, explodindo entre vibrantes aclamações á Regente,

a quem, como Joaquim Nabuco dis-séra, na Camara, se devia « essa mutação tão rapida. Os grandes pensamentos vêm do coração e tambem os grandes reinados, como essa curta regencia que, em tão pouco tempo, deu ao sentimento de patria outra doçura e á palavra humanidade outro sentido. » E mencionavam, com applausos, a gloriosa propaganda da marquezia, realizando com os seus recursos, sem auxilio do governo, esse arrojado heroico de bravura feminina, o milagre de transformação dos caducos processos da lavoira colonial. Da estupenda sáfra de 1888, ella não perderia um grão de café, ao passo que os seus visinhos, inanidos pelo golpe da abolição, não poderiam, por falta de braços, fazer as suas colheitas.

— Historias, meus amigos — declamou o illustre advogado Souza e Mello — Isto váe de agua abaixo. A Republica está ahi e espreita o momento azado para vibrar o ultimo golpe. A extincção da escravatura estava feita, desde que Cotegipe, por convicção ou por impulso estranho irresistivel, aboliu o chicote.

— Não acredito — objectou o barão de Freicho, que viéra em busca da mulher.

— V ex. — retorquiu o advogado, que começou a vida vendendo escravos, sabe melhor do que eu que o rêlho era o sceptro dos fazendeiros.

O barão ficou escarlate, e tossiu.

— A Republica esta feita: a Princeza deu o primeiro golpe — de picarêta — na côva da monarchia. Nenhum braço poderá deter a onda desbordante dos diques arrombados imprudentemente. Não é com préces, com piedosas novenas e procissões, que se governam povos.

O conselheiro Antonino ouvia, em silencio, aventurando, a espaços, um sorriso magoado, um ligeiro gesto de approvação ao velho amigo Souza e Mello, se bem que lhe não secundasse os assomos de irreverencia, de ironia acerba, com que elle tratava a politica e os homens mais notaveis da época. Não se podia recusar certa dôse de bom senso, de criterio, de patriotismo, aos seus duros conceitos, nem justiça aos golpes cruéis que elle, abolicionista, desfechava na situação dominante. Aquelle homem notavel era uma exotica pilha de contradicções para estar sempre em desabrida opposição ao governo. Republicano, no dia em que fôsse proclamada a Republica, estaria ao lado da dynastia desthronada.

Quando ia mais accêsa á objurgatoria do douto advogado ao ministerio 10 de março — uma sucia de imprudentes correndo atrás das flechas dos foguêtes da popularidade — a marquezia surdiu no salão :

Esta incerrada a discussão — disse

ella, com um gracioso tom de autoridade — Vamos tomar alguma coisa que Marianninha nos offerece: ella é ainda, a dona da casa.

Durante a ceia, que era um mimo de quitutes delicados preparados sob a perita direcção de Marianninha, continuou a revista dos assumptos mais importantes da actualidade, commentados os factos com as inexoraveis cantadas do intolerante Souza e Mello, que considerava o paiz á garra, como um barco desnortado, sem piloto, entregue aos caprichos sentimentaes de uma santa mulher, excellente para o lar, porém muito inexperiente para a politica e pouco preparada para a mutação, talvez repentina, da scenario, quando desapparecesse a figura do Imperador pela abdicação prevista como consequencia da molestia que o affligia.

A abolição parecia um prenuncio significativo da entrada triumphal da herdeira do throno no governo, o estrondoso inicio do terceiro reinado. E o projecto casuidico, na imminencia de uma transformação de idéas, de processos, de personagens, expunha aos convivas, abalados pelas suas conclusões radicaes, as suas theorias condensadas num arcabouço de plano administrativo para quando fôsse proclamada a Republica, já victoriosa na propaganda. Elle organisára uma refórnia da magistratura começando por dar uma collocação ao Adeodato, que estava na côrte, consumindo licenças e dinheiro á espera de uma comarca, sempre preterido apezar de protegido por gente de grande influencia e dos incessantes esforços de Dolôres, resolvida, depois de tantas decepções, a abandonar a magistratura: preferiu interromper a carreira do marido a voltar para o interior, que seria o exilio, o abandono de excellentes relações com a gente graúda, a encantadora vida de gosos elegantes, consonantes com o seu temperamento de mulher bonita.

Sob uma saraiuada de objecções, de protestos vehementes, de ironias acerbas, Souza e Mello verberava, impávido, os erros, os escandalos, todos os achaques incuraveis do regimen decrépito, a falta de iniciativa, de idéas correspondentes ás legitimas aspirações nacionaes, represadas em carunchosos processos caducos.

— Não podemos — concluiu elle, brandindo o talher — escapar á evidencia dos factos: o que não fôr sedição, rotineiro, imitação servil, não presta neste paiz de beocios incapazes. A administração das coisas publicas, no Brazil, é um desengonçado carro de bois sobre veilha estrada esburcada: mudam-se situações com promessas pomposas, mudam-se os homens: atrélam-se successivamente, conservadores ou liberaes; renovam-se

as juntas da guia e do recavam; o carro segue, aos tombos, o mesmo rumo, guiado pelo mesmo conductor, o poder pessoal. Quanto tem feito esse governo é velho, imprestavel, senão imprudente e perigoso. Muito melhor e mais sabio plano de administração foi o de d. João VI, tão crumentemente calunniado pela ignorancia. Chamaram-lhe idiota, lôpa, por não ser comprehendido como innovador de larga vista. Eu, governo, tranfôrmo isto da noite para o dia: refôrmo o exercito, decreto a separação da igreja do Estado, o casamento civil.

Souza e Mello foi interrompido por um Credo! que sahiu espontaneo dos labios de Marianninha. As senhoras se entreolharam, Dolôres fez um ligeiro signal approbativo á baroneza de Freicho.

— E o divorcio? — inqueria Castinho, com um sorriso zombeteiro.

— Uma coisa — respondeu o advogado — seria consequencia da outra; mas... a nossa sociedade, organizada em moldes theocraticos, não o reclama, nem os costumes o supportariam: não chegou a opportunidade dessa refôrma. A monogamia foi um remedio contra a dissolução dos costumes. Nós, no Rio de Janeiro, não estamos ainda bastante emancipados para prescindirmos do nó indissolúvel.

— E' porque o amigo não é casado — observou o barão, mastigando uma canja de gallinha.

— Quem se não quizer submeter ao laço inquebrantavel, faça como eu: fique celibatario... Creio que o amigo barão não falla por experiencia propria; não tem razão de queixa...

— Não tenho, não senhor, em tão bôa hora o diga... Mas, sou homem de idéas adiantadas. Isso de ficar um homem amarrado toda a vida a uma Eva mal escolhida, levada da bréca, é um absurdo. Olhem que ha enganões que devem ser reparados, e um delles é o da differença de genios.

— Tem seus conformes — ponderou o conselheiro Antonino — Em todos os casos, meus conhecidos, de naufragio matrimonial, a culpa tem sido, invariavelmente dos maridos pelos seus habitos dissolutos, tolerados pela sociedade. A incompatibilidade de genio é um motivo fuñilissimo; porque não ha genios eguaes, harmonicos, que se adaptem um no outro como duas conchas de um marisco. A natureza impôz á superioridade do homem, corrigir a desigualdade.

Devemos, além disso, levar em conta os desfallecimentos de character, a leviandade perigosa das uniões sem amor, por impulsos de conveniencias interesseiras, ás quaes falta a sinceridade, a virtude do chefe de familia e o exemplo, principalmente, nos casamentos de sensualidade brutal incompativel com a monogamia, porque não se sacia jamais...

— Ahi está — interrompeu o advogado — o que é falar com sabedoria. Se, na minha republica, eu instituisse o divorcio, praticaria a tolice de suscitar contra ella dois inimigos terriveis: as senhoras honestas, alliadas aos homens virtuosos e...

— Os padres — accrescentou o Castinho.

— Os padres, sim senhor. Os padres, que estão no seu direito defendendo a doutrina de que são ministros, e a moral imprescindivel ás sociedades bem organisadas.

— Eu não sou inimiga dos padres — aventurou a baroneza de Freicho — E' tão elegante, tão chic ser catholico, ir á missa.

Dolôres segredou-lhe, então :

— Reparašte como a marqueza está abusando do vinho do Porto? ..

A ceia chegou ao termo. Souza e Mello não conseguiu expôr todo o seu admiravel plano de governo democratico, materia para uma das *cacetadas* em que era useiro e viseiro. Ficou o assumpto engatilhado para a seguinte opportunidade. Elle tinha o séstro de reatar as suas perlangas com o invariavel: *como ia dizendo outro dia...* Esse caso do divorcio era da feição para a sua ironia e azêdos commentarios.

A despedida, a marqueza annunciou que receberia ás terças, como dantes quando era feliz, quando sabôreava, em toda a plenitude, a delicia de viver.

(Continúa)

A LIVRARIA

MORS-AMOR—FELIX PACHECO

Decididamente é esse póeta, entre os chamados symbolistas brasileiros, o que afinou mais rijamente ao diapasão da Melancolia Negra, clave em que nem Cruz e Sousa soube tirar effeitos tão seguros quanto as sonoridades funéreas espalhadas nos versos de Felix Pacheco.

Parece-nos que a intenção mais constante do auctor de *Mors-Amor*, como de *Via-Crucis*, é dar-nos essa impressão angustiante de horror e desolação da Morte, mesclada com um desejo vago, uma aspiração indefinida de achar nella a felicidade final, a felicidade unica. Essa impressão é conseguida, o leitor sente o peito opprésso, lendo qualquer desses sonetos, e suspira alliviado ao findar o tercêto ultimo. Creemos, portanto, ser elogio dizer que a leitura total do poema nos trouxe um religioso pavor.

Intencionalmente chamamos *Mors-Amor* um poema, pois os caracteristicos de unidade de concepção, com a unidade de estylo e de fórmula, nelle residem, e não será a disposição deta-

lhada das diversas poesias que lhe possa tirar essa unidade, que é um mérito, e não pequeno, na obra d'arte.

Via-Crucis não era um livro assim inteiriço, nem alli o canto da Morte vibrava ainda com a profundeza de antiphona a que chegou a musa de Felix Pacheco no presente volume. Tinha de commun a latinidade do titulo. *Via-Crucis* exprimia bem as primeiras dolencias, preludio da marcha funebre que atravessa *Mors-Amor* e arrebatava as almas num delicioso desejo e medo do Além.

Não somos dos que põem em duvida a sinceridade do poeta, quando nos expõe tanto soffrer inenarravel, tanta dôr infinita. Ahamos mesmo difficil, em Arte, fazer-se bello sem sinceridade. Um sentimento que nos pareça pueril, póde avultar á visão do artista, segundo o gráu de força creadora que elle possúa, e, como em tudo a relatividade impéra, o que a nós parece somenos, é grandioso e pathetico para a alma do contemplativo.

Entretanto, comprehendendo muito bem o objectivo do poeta, admittindo a sua sinceridade, portanto a sua honestidade artistica, confessamos não ter uma completa sympathia pela sua esthetica. Quanto á fórmula e estylo, achamol-os magnificos e inexcedivel aquella entre os nossos versejadores.

Não admittimos, em absoluto, a sua esthetica, por uma razão de gosto e temperamento, toda pessoal, que certamente não póde prevalecer num estudo critico, mas que servirá para mostrar da nossa opinião todas as faces, e assegurar ao poeta a nossa franquesa completa.

O motivo de amor e morte irmãos, fecundando uma felicidade supérna, victorioso na poesia através do pessimismo de Leopardi, consagrado na musica pelo genio semi-divino do auctor de *Tristan e Iseult*, exprime realmente com toda a sua angustia irreparavel, o estado d'alma do mundo moderno, a sua aspiração a uma nova fonte de idéal, a uma Vida Nova.

O tom quasi macábrio que dá ás suas visões do Além o poeta brasileiro, o entrechocar de tábidas caveiras, o aspecto cemiterial das suas paysagens interiores, certamente de um effeito tragico estupendo, não commove, entretanto, como desejaríamos, brandamente despontando em nossa alma idéas e visões da paz religiosa, da infinita paz espirital e da Morte.

Em algumas composições de Felix Pacheco ha, todavia, tanta frescura e pittoresco, sonhos tão felizes, tanta vida emfim, (leiam *Karnak*, *Espelhos*, *Orpheu captivo* e outras) que ousamos prophetisar, com sincero desejo, que uma transformação se realisar á breve na alma do poeta, os grilhões prometheicos que o acorrentam á Morte se romperão, um hymno de plena ven-

tura terrena brotará da sua musa encantadora, e Felix Pacheco nos dará a sua AMOR-VITA.

E para esse poema de resurreição, o talentoso Mauricio Jubim pôde ir, desde já, desenhando qualquer cousa de tão poetico e finamente comprehendido, como a capa do presente livrinho, incontestavelmente a melhor que tem apparecido até hoje nas edições brasileiras.

B.

REORGANISAÇÃO DA FAMILIA

Por causa da mulher é que mais se escreve e se questiona. Seria enfadonho dizer minuciosamente o numero dos auctores que se têm expandido a respeito, não sómente sobre suas forças physicas como intellectuaes, educação e modo de viver. Alguns proclamam a sua belleza em prosa e versos calorosos; também não esquecem as inutilidades e defeitos. Não têm faltado Schopenhauers para detestál-as e até pachorrentamente levar seus cerebros ás balanças para verificarem que são mais estupidas do que o homem. Alguns repartem igualmente as mentalidades. Houve um que chamou, ha pouco tempo, á mulher que se distingue por seus predicados intellectuaes, um aleijão. Disse outro que, se o genio mais admiravel deste mundo tiver o rosto de uma mulher feia, não lhe descobrirá nenhum valor, porque o talento é sempre nullo defronte da belleza; todos esses da fileira inimiga correm, numa vertigem, para provar, com todas as logicas, que a mulher não tem capacidade, forças, nem vontade. Não é de hoje esta questão: no tempo de Renan e Augusto Comte, essas cordas tinham fortes vibrações. O primeiro também achava que a belleza de uma mulher verdadeiramente bonita, subjugava a propria virtude; o segundo levantou um altar a Clotilde de Vaux, que ainda hoje sobrevive entre os positivistas.

Dizem também que o grande philosopho achava que o homem devia se ajoelhar sómente defronte de uma mulher.

Infelizmente, esse genio tão admiravel, tendo tanta veneração pela mulher, não amou, nem considerou muito a sua. Por mais extraordinario e admi-

ravel que tenha sido, legou á sua memoria este ponto empallescido e triste.

Stuart Mill, Bridel e muitos outros estrangeiros são partidarios da elevação da mulher; alguns até fanaticos. Ao menos, isso vinga e consola as impertinencias de Schopenhauer e de Lombroso, que duvida tanto do talento do sexo fraco que não o julga capaz de imaginação creadora e produções originaes; acredita mesmo que, aos trinta annos, o desenvolvimento de sua intelligencia se paralisa. Por mais que estes e outros batam fortemente, o terreno váe cedendo. Parece que tendem a melhorar.

Aqui mesmo, na querida patria brasileira, onde este assumpto é menos discutido do que nos outros paizes, e onde são mais os contrarios do que os partidarios do feminismo, se conta já um bom numero desses civilisadores muito illustres, como os drs. Arthur Orlando, Oliveira Lima, Frota Pessoa e muitos outros, não esquecendo o dr. Tobias Barreto, que também revelava francamente sobre esse ponto, as suas idéas, e tanto se avolumava o seu enthusiasmo nessa causa professada e defendida com ardor, que, dos seus preciosos discursos proferidos aqui, na Assembléa de Pernambuco — sessão de 22 de março de 1879 — pôdem-se colher pedaços bellissimos, muito interessantes, ora sob a acção do sentimento triste, desgostoso do ataque injusto dos adversarios, ora humoristicos e engraçados, como o seguinte: « é possível mesmo que o mais bonito homem seja sempre superior em belleza á mais bonita mulher, como já houve quem dissésse, posto que, da minha parte não duvide em opinar diversamente; e sendo sabido, como é, que Byron, por exemplo, foi um homem formosissimo, todavia eu preferia, sem hesitação, dar um beijo no pé de Guiccioli, a beijar a fronte do grande poeta. »

Prosigamos. Essa viagem idéal sonhada por milhões de creaturas, é, sem duvida, enfadonha, como todas as travessias longas; porém, um dia, chegará ao seu termo. E' preciso caminhar compassadamente sem afflicções nem o aneio torturante dos agoniados, que têm prèssa de chegar primeiro. Correr impensadamente atráz da ventura, é perdê-la mais cedo.

Outr'ora, nas praças publicas, attendendo aos barbaros costumes, também se matavam os criminosos, para fazer justiça, anniquillando, ás vezes, tantas vidas innocentes, que unicamente a apparencia condemnava!...

Essa crueldade horrorisante, como a condemnação de ser escravo, felizmente passou!...

Esse jugo terrivel surgiu tempestuoso e medonho, como o vento da desgraça, acompanhado de faiscas phosphorecentes de electricidade, que devasta a vida e a propria terra, que rúe tremendo, apavorada debaixo do seu luzeiro sobrenatural. Durou muito tempo essa pressão brutal, mas a civilização, a base mais poderosa para a sociedade, pouco a pouco conseguiu devastar e aplinar esse campo inculto.

Assim, ainda nos nossos dias, veremos, talvez, transformações que se archivem no futuro junto a recordações risonhas e alegres quanto são humilhantes e desoladoras as lembranças do passado.

E não se pôde escurecer que, agóra mesmo, os progressos civilisadores são visiveis, pelo menos nos pontos em que se trata de instrucção.

... ..

Estou convencida de que o caminho mais seguro para o apaziguamento do homem e da mulher, esses dois viventes caprichosos que se amam tanto quanto se odeiam, é o seguinte: a educação do homem um pouco menos livre. Acompanhando os usos, o menino de doze a treze annos, passeia por todos os lados, váe onde lhe parece, e faz o que entende, desenvolve e age como quer e como a tendencia do seu espirito lhe ensinúa; vemol-o, ás vezes, atirar pedras, desrespeitar familias, fazer pandegas e mil travessuras consideradas como insignificantes. Em muitas occasiões têm se visto, pelos estabelecimentos de ensiuo publico, verdadeiras selvagerias; nas horas de recreio, nem se pôde passar por elles senão ao trote formidavel de vaías e corridas desses pequenos estudantes, que avançam pelos taboleiros de dôces, espedaçam, estragam tudo em ar trocista, sem pena ou consideração. Aos proprios mestres não rendem preitos merecidos, como também não ligam importancia a ninguem!

Tempos depois, sabem diversas linguas e sciencias, chegam mesmo a al-

cançar e comprehender a arte com todo o relêvo. Mas, forçoso é dizer, nem todos, com as suas glórias de sabios, seus talentos deslumbrantes levaram a base mais necessaria na vida para o sustentaculo de suas doutrinas por todos os terrenos: — A EDUCAÇÃO — E' por isso que, mais adeante, encontramos o atirador de pedras no salão, todo enluvado, encartolado, cercado de considerações e preitos; porém, no intimo, um vaidoso a pensar sempre nos seus proprios merecimentos. Esse homem mais tarde, quando se casa, é sempre um grosseiro. Gasto de paixões de toda a especie, não pôde ter pela familia as considerações que as sociedades civilisadoras exigem. Dessa união desequilibrada vem logo, desde o primeiro momento, o desespero de ambos, que nunca se comprehendem.

A mulher, cheia de enlevos trazidos da familia, se revolta diante desse sêr que a envolve no circulo de suas indifferenças e scepticismo. Nesse momento de brusco e terrivel despertar, ella contempla a realidade que lhe sorri sarcasticamente em cima do rosto humedecido de prantos, e, exprobando a sua desgraça, admira-se de como foi rapido o seu sonho venturoso.

Nesse culto de suas adorações, as primeiras despertadas pelo amor que a fascinou em arrebatamentos apaixonados e fervorosos, ella é muitas vezes forçada, em pouco tempo, a descrer, não vendo mais naquella a quem amou considerando como a um ente superior a quem desejaria tomar para modelo, senão o phantasma triste das baixezas, das trahições e das abominações.

Os paes, que sabem, quasi sempre, incutir na alma das filhas sentimentos de delicadezas e altruismos tão verdadeiramente tocantes, porque não educam da mesma fórma tambem o filho?

Será porque o estimam mais, ou unicamente para salientar o soffrimento e a decepção da menina?

Tenho certeza absoluta de que teriamos melhores cidadãos, e uma familia completamente unida, se se corrigisse esse molde velho.

O homem, geralmente, salvando-se algumas excepções, é sempre muito bom. Se a sua tendencia para o crime, ou para o vicio é muito mais desenvolvida do que na mulher, é por causa da educação physica e moral que recebeu

desde o primeiro momento que teve consciencia da vida. Apesar de tudo, dentre os cascalhos e pedras rusticas atulhadas, aos montes, por toda a parte, colhemos as joias mais finas e mais preciosas. Sem grande trabalho na contagem, se poderá fazer um grande circulo dos homens verdadeiramente bons; alguns mesmo se tingem de matizes tão perfeitos, tão fóra do commum, acompanhados de um mysticismo todo caracteristico, de sentimentos grandiosos e encantadores em toda a a expressão da palavra, que se poderiam equiparar, na delicadeza de genio e modos de sentir, ao coração de uma mulher verdadeiramente bôa.

Se não fôsse assim, a vida não seria mais do que medonhas cavernas cheias de fogo, escuridões, e terrores de onde todos bracejassem para se escapar. Estes, que guardaram religiosamente no intimo d'alma os resquicios dos amores maternos, sempre tão angelicos e attrahentes, vão compassadamente abrindo largas passagens e introduzindo o espirito da justiça, educando e formando, a seu geito, escolas muito mais aperfeiçoadas.

Milhões e milhões de mulheres passam, estacionadas dentro das casas, vidas inteiras, sem outro meio de subsistencia a não ser o minusculo ordenado adquirido pelos chefes das familias: Essa quantia insignificante, quantas vezes não é repartida pelos parentes ainda mais pobres, ou simplesmente para alimentar o vicio de qualquer paixão? Elles frequentam sociedades, gozam algumas paizagens do mundo, porque, sendo os unicos que possuem dinheiro, são tambem os que liberalmente pôdem dispendel-o á vontade. As mulheres desses individuos, privadas geralmente de tudo o que a phantasia lhes representa, sem terem meios de trabalhar para subsistir, aborrecidas, atormentadas, com os filhos e a criadagem indisciplinada, não aspiram mais nem se quer á liberdade de expandir o espirito pela natureza dos campos, ruas, ou salas; vejetam o mesmo viver embarricado de planta, que se desenvolve no estreito circulo de um jarro e ahi se acaba amarellecendo, sem enraizar. Nessa perpetua e invariavel escala de todos os dias, sem mudança, sempre a mesma monotonia, o mesmo contar de

horas: almoçar, jantar e esperar que os homens voltem dos empregos ou passeios favoritos... Assim, num viver todo inutil, essa quantidade de gente que poderia empregar seus prestimos e actividade, váe embrutecendo, perdendo o estimulo e até se desprezando...

Nessa lufa-lufa, homens e mulheres amam e detestam. Enciumados uns dos outros, cada qual combate mais por seu direito, porque os principaes factores desta vida, como diz Schiller, são a fome e o amor.

* *

Civilise-se a familia. Instrúa-se a mulher, eduque-se o homem que, sendo perito conhecedor das sciencias, tendo viajado, ponto por ponto, as estradas de todos os deveres, estudado, excogitado, aprendido as leis e o direito, conduzirá pela mão até o infinito dos paizes doirados da felicidade, aquella que, incontestavelmente, é de physico mais delicado, que mais necessita de arrimo, e que, talvez, nem pense tanto em lhe roubar as glórias; penso mesmo que se consolaria unicamente com um pouco mais de justiça e sinceridade.

* *

Não tenho nenhum interesse pessoal, tomando a liberdade de trazer um aparte a esta referencia de homens e mulheres. Os antigos captivos, que não eram maltratados, tão humildes e submissos ficavam aos seus senhores que, embóra libertos, alli ficavam, para sempre, ao serviço dos patrões queridos. Como elles, não aspiro a nenhuma gloria a não ser um espaço no coração dos que estimo. Este escripto é apenas a opinião sincera que alguém me pediu a respeito. Finalizando-o, retiro-me convencida de que unicamente a consciencia e o amor encaminharão esta marcha triumphante para o bem.

Eu, que sempre considerei e amei apaixonadamente o proximo, amo tanto o homem como a mulher, e o que mais ardentemente desejo é vê-los unidos na terra em bandos harmoniosamente amigos, como as estrellas nos apparecem na limpidez do céu esplendidamente azul.

Recife.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

A UMA MULHER

O' sombra que velaste o sol que eu tinha na alma
Como um frémito sobre o mysterio dos sonhos,
Por que deixaste assim meu coração sem calma,
Meus labios sem calôr e meus olhos tristonhos ?

Por que vieste, Querida, á minha mocidade
Aberta num jardim de myrthos e asphodélos,
Se havias de deixar-me entregue a esta saudade,
Chorando o funeral dos perdidos anhelos ?!

Por que vieste, Querida, ah ! por que vieste ? — Nunca
Demorasses o olhar suave no meu olhar . .
Para que eu não sentisse o horrôr de uma espelunca
Ou nos dias sem pão ou nas noites sem luar !

Poeta, não resisti ao canto da Sereia !
Homem, pela caricia éphemera perdi-me !
E vivendo de ti, minha alma soffre — cheia
Do remorso que traz a lembrança de um crime !

Eu te amei — podes crêr neste verso dorido —
Eu te amei, eu te amei. O meu amôr immenso
Ora tinha o furôr de algum monstro ferido,
Ora a vaga fluidez das volutas de incenso !

Mas, agóra, que sou mais infeliz que os brejos
Onde coacham á noite os sapos gemebundos,
Sei que era de cicuta o hydromél de teus beijos
E inutil te librar á gloria de outros mundos !

Ri desta magoa e váe novamente á procura
Das surpresas communs da vulgar alegria,
Porque eu prefiro a dôr, a volupia, a tortura
De não saber gozar os amôres de um dia !

RAYMUNDO MONTEIRO

(Volutas)

ENSINO OBRIGATORIO

Sr. redactor. — Permitta-me v. ex. que abuse alguns instantes da sua complacencia para commentar um topico que se me deparou no bom artigo do sr. Franco Vaz, o *Ensino obrigatorio*, publicado no n. 13 dos *Annaes*.

O auctor do excerpto extrahido de um livro em preparo, *A infancia abandonada*, avançou que o nosso festejado homem de lettras, o sr. Olavo Bilac, «levantára a bandeira do ensino obrigatorio, acompanhando-o José do Patrocínio, «o fulgurante jornalista.»

Carece de contestação, essa affirmativa. Em um trabalho que, como o do escriptor, representa o desempenho de uma commissão official, não deve figurar essa asserção; por isso, apresso-me a annotal-a.

A questão do ensino obrigatorio, para honra do Brazil, se aventou em relatorios ministeriaes; não tendo, até hoje, infelizmente, sido executada.

O sr. conselheiro João Alfredo, em 1871, referindo-se aos planos de ensino cogitados no decreto de 17 de fevereiro de 1854, referendado pelo ministro Couto Ferraz, tocava nesse assumpto, cuja necessidade, dizia, não

precisar de demonstração. E o illustre estadista via a impraticabilidade do principio, emquanto diminutas as escolas publicas gratuitas, considerando violencia o emprego de meios coercitivos si espalhados não fôssem collegios publicos, de modo a ser facil e possivel a frequencia.

Em 1878, o ministro Leoncio de Carvalho, não obstante o seu funesto exaggêro da liberdade do ensino, prescrevia, no seu relatorio, a obrigatoriedade da instrucção primaria.

Tirante os politicos e estadistas, encontra-se referida a inconveniencia do analphabetismo, em trabalhos de Souza Bandeira, Tito Livio de Castro, Sylvio Roméro e outros que, quer se occupem propriamente da educação nacional, quer apontem o consideravel numero dos que não sabem ler nem escrever, abordam, directa ou indirectamente, o importante problema.

Não é, portanto, assumpto novo, nestes ultimos tempos tratado, a obrigatoriedade do ensino primario. Sempre houve, entre nós, uma corrente infensa ao analphabetismo, sobre o qual, algúres, já tive ensejo de me manifestar.

Assim, pois, dada a verdade dos

factos, ficando, á evidencia, provado que a questão do ensino primario não symbolisa uma bandeira modernamente erguida, mas data de annos, é justo signalar no trabalho official, não ter passado despercebido no Brazil o problema pedagogico da obrigatoriedade da instrucção primaria.

THEODORO MAGALHÃES.

NAS AGUAS DO MAR

O pulpito da sua maior eloquencia não tinha entalhes preciosos nem recamos classicos; por elle não andára o formão, nem a goiva o cavára; por elle não se ennastravam folhagens nem anjos o rodeavam, em córos jocundos, soprando tubas ou tangendo harpas— o pulpito de sua maior eloquencia foi um bruto e desconforme penhasco, negro e calvo, ficando nas areias de beira-mar. Na sua base a onda fervia, e o verde e putrido sargaço formava uma orla verde. Alli pousavam as gaivótas nos dias azúes, alli refugiavam-se as procellarias quando os grandes ventos conflagravam os mares; d'alli falou o santo aos peixes.

Não era Antonio um frade do abysmo, posto que as fundas aguas de esmeralda tambem possúam congregações religiosas. Heine fez menção de dois ou tres bispos marinhos que déram á costa nos frios littoraes do Norte arrojados á praia por um algum vagalhão heretico, ou collidos na rêde dum pescador ousado.

Antonio, nascido em Lisbôa, era frade paduano, e a razão que allegam os seus biographos explicando o seu capricho de prégar aos peixes é ponderosa: os homens incrédulos e desattentos, faziam ouvidos de mercadorás suas santas palavras. Debalde, elle os chamava para a virtude, debalde lhes promettia a bemaventurança, os homens ingratos achavam maior prazer no vicio e preferiam a vida terrena, que conheciam, á outra que era apenas uma hypothese de prégaradores. «Mais, vale um passaro na mão que dois voando», diziam, e a igreja ficou ás moscas; eis porque o santo resolveu prégar aos peixes.

Logo que elle surgiu no cimo do penhasco, acardumou-se o mar que, de verde que era, ficou colmado de prata — robálos, badéjos, sardinhas, pescadas, baleias monstruosas, tubarões vorazes, linguados, raias, polvos, enguias, todos os representantes do povo escamoso, acudindo apressadamente dos antros, subiram á tona do mar placido, e ouviram devotamente a prégação do frade.

Antonio falou com muita inspiração, referindo-se aos gozos enganadores e ephemeros da vida, e, quando alludiu ao céo, foi tal o póder da sua palavra

inflammada que os peixes entraram a flagellar o mar com as barbatanas, que é assim que os peixes manifestam o seu entusiasmo. Alguns, mais sensíveis, ficaram com os olhos arrazados, e, convertidos, levantaram um grande e atroante clamor, pedindo o baptismo.

Desceu Antonio do penhasco, e, como os cathecumenos estivessem na melhor das pias, limitou-se a pronunciar as palavras sacramentaes dando a cada um o nome que lhe subiu á bocca naquella hora milagrosa, e foi assim que os peixes ganharam os nomes porque são hoje conhecidos nos mercados.

Finda a prégação despediu o santo o seu auditorio e desceu do sáxeo púlpito. Foi, então, uma alegria immensa no mar. Os peixes, confiando na promessa de paz que lhes fizera o santo, sahiram contentes nadando á flôr das aguas, que o luar fazia de prata — as baleias golfavam trombas espumantes, os bôtos viravam as mais arriscadas cambalhôtas, as raias saltavam cahindo de chapa na agua, com estrépito, e as sardinhas, aos milhares, toldavam o mar, semelhando ilhas brancas e resplandecentes que fulguravam ao luar. Só um velho espadarte desconfiado e prudente, em vez de sahir em triumpho apregôando a bondade do propagandista e a facundia do orador, como faziam os seus irmãos, desceu a metter-se na lapa mais funda, entre as mais enredadas algas, buscando, com difficuldade, encravar-se nos labyrinthos de corál, e quiêto, lá se deixou ficar a vêr em que paravam as módas.

Alli, jazia mestre espadarte quando viu passar uma gorda tainha, muito garrida, a dar de cauda com préssa, como se fôsse ligeiramente a algum negocio urgente :

—Irman tainha, perguntou o matreiro peixe, onde váes tão tafúl e com tamanha azáfama e açodamento ?

—Onde vou ? que pergunta ? Vou gozar o luar que lá em cima esplende, e vou aspirar o aroma que chega dos jardins da terra.

—E não receias o anzól e a rêde do pescador, irman ?

—O anzol e a rêde ? pois não ouviste o sermão do santo, irmão espadarte ?

—Ouvi, irman ; ouvi e aqui estou nesta lapa porque não ha outra mais funda por esses mares ; e acho que farias bem se te deixasses ficar entre as lages em que nasceste. Deixa lá o luar, deixa lá o perfume ; enlapa-te, irman tainha, enlapa-te.

—Pois desconfias do santo, irmão espadarte ?

—O santo é homem e eu sou peixe, irman.

—Que tem isso ?

—Que tem ? Ah ! minha irman, bem se vê que és muito nova. O Deus dos homens, minha irman, morreu por elles, e não por nós. Fôram os homens

que o trouxeram á terra com os seus pedidos de misericordia; e que fizeram os homens ? : prégarão em uma cruz. Que devia acontecer depois de tamanha ingratição ?; devia baixar sobre os homens um castigo tremendo, não é verdade ?

—Sim . . .

—Pois, minha irman, o castigo baixa, mas é sobre os peixes que nada fizeram. Quando os homens commemoram o sacrificio do seu Deus, atiram-se a nós sem misericordia e é uma devastação por esses mares que. não te digo nada. Se nós tivéssemos um Deus, poderíamos ter uma quaresma e nella tirariamos uma justa vingança dos homens, mas nós somos peixes, não temos Deus, não temos politica, não temos nada.

—Então acham que Santo Antonio . . . ?

—Eu acho que Santo Antonio quer prégar-nos alguma. Palavras de tal homem a peixes . . . uhm ! isso é isca . . . Minha irman, quando um superior desce assim a intimidades com a canalha, desconfia delle: o menos que póde pedir é a vida. Para o homem, o reino é o do céu; dos peixes, é o escabêche. Enlapa-te, irman tainha, e deixa lá andar em cima quem anda.

Pela manhan, uma sardinha passou desgarrada e espavorida deante do velho espadarte :

—Que é isso, irman sardinha ? Que ancia te leva assim afogueada ?

—Ih ! irmão espadarte. o sermão do frade . . . o sermão do frade.

—Lindissimo ! Admiravel ! um primor de fórma.

—Uma isca perversa ! As rêdes varreram o mar de praia a praia, e, como nós confiavamos na promessa de paz, a pesca foi avultada, nem sei mesmo se ainda haverá peixes que continúem a especie nestas aguas.

—De outros não sei, mas, que ha espadartes e sardinhas, garanto—sardinhas, porque atravessam as malhas por serem pequeninas, espadartes, porque não se fiam em palavras.

Palavras, palavras, palavras . . . e parecia que a alma de Hamlet se havia encarnado no atilado peixe.

Desde então, nunca mais quizeram os peixes ouvir sermões . . . E por essas e outras, vão os milagres rareando e . . . não apparecem eleitores em dias de eleição.

COELHO NETTO.

A GUERRA

Em um dos nossos primeiros numeros affirmámos que uma das consequencias inevitaveis da guerra seria provocar no seio do grande imperio moscovita a expansão das idéas de revolucionarios assignalados em duas gerações de martyrs.

Desde a morte do terrivel ministro Plewe, que augmentára os contingentes de exilados para a Siberia e atulhára de homens de letras, de jornalistas, de representantes de ambos os sexos de famílias notaveis, as prisões da Russia se accentuou um poderoso movimento liberal conquistando os *zemstros* as municipalidades, agóra francamente favoraveis a um systema de governo compativel com a dignidade de nação culta.

E' notorio que o Czar procurou em vão esse successor do detestado ministro do interior, e o principe Sviatpolk-Mirsky acceitou o penoso encargo com um programma, que, não partilhando as idéas dos radicaes e revolucionarios, emprehendeu um movimento de reconstrucção moderada, de accordo com a maioria do espirito liberal contrario ás violencias, reverente ao Czar, inimigo da burocracia.

A attenuação da censura sobre os jornaes, uma politica mais humana em relação á Filandia, a abolição dos castigos administrativos, a tolerancia para com os judeus fôram os primeiros actos do novo ministro, que está soffrendo grande opposição dos burocratas e do Santo Synodo, cujo procurador, Pobiedonostseff, intimou ao Czar do perigo imminente da autocracia e da orthodoxia, se esse novo regimen proseguisse na sua obra liberal.

A imprensa, assim libertada, tem impugnado com franqueza a guerra cruel, pedindo a paz em nome da honra nacional, pondo em relêvo os imperfeitos meios de acção e a incapacidade dessa famosa esquadra do Baltico, ameaçada de desbarato antes de chegar ao theatro das operações; e graças a essa propaganda patriotica surgiu de todos os pontos do immenso imperio, uma reacção benefica em favor das novas idéas.

A guerra desvelou a fraqueza da Russia. Um caricaturista allemão, em suggestivo traço, demonstrou que era uma inoffensiva lagôsta aquillo que toda a gente temia como um formidavel e feróz urso branco. As requestadas allianças perderam o valor ; fôram um verdadeiro *bluff* para as nações que as obtiveram com extraordinarios sacrificios. E o povo diante da nação, envergonhada pela imprevidencia dos burocratas que a exploram protegidos pelos enfezados partidarios da autocracia do *knut*, desperta da letargia do servilismo. Não haverá força capaz de esbarrar esse movimento humanitario.

Estamos, portanto, diante de um desses milagres do inesperado na historia : o Japão civilisará a Russia. Qualquer que seja o desenlace final da guerra, Porto Arthur é um golpe na autocracia, alcançando, talvez, a dynastia dos Romanoff e reivindicando a capacidade da raça amarella.

Nova theoria das quantidades negativas

REFUTAÇÕES

1. Em « Os Annaes » de 15 de dezembro ultimo, em continuação ao seu trabalho cujo titulo emcima este artigo, o meu camarada, o sr. tenente Tertuliano Barreto, tratando da operação mathematica — a subtracção — disse que em caso algum o subtrahendo positivo B poderia exceder ao minuendo positivo A.

Isto é, que não se poderia ter

$$A - B = -D,$$

na hypothese de ser $B > A$ ou $B = A + D$; e isso porque nunca tal hypothese poderia corresponder á realidade concreta.

Admittindo que assim seja, eu desejaria que o meu camarada explicasse como devemos proceder quando se trata de procurar o logarythmo de uma fracção propria, logarythmo que é, como sabemos, negativo, porque resulta do caso de subtracção que justamente não está subordinado ao dominio concreto, como se vê abaixo,

Seja a fracção $\frac{n}{N}$ em que é o denomi-

nador maior que o numerador.

Tomando os logarythmos, têm-se

$$\lg \frac{n}{N} = \lg n - \lg N$$

Ora, sendo $n < N$, é $\lg n < \lg N$; e como esses logarythmos são ambos positivos, a expressão acima formúla justamente o caso considerado impossivel pelo sr. tenente Tertuliano Barreto.

Mas, nós sabemos, desde a Arithmetica, que não existe absurdo ali porque os resultados reciprocos constituem prova; pois dada uma fracção propria, acha-se pelo calculo acima o logarythmo negativo correspondente; e deste logarythmo negativo se remonta á fracção que lhe deu origem, o que não teria logar si a primeira operação fôsse absurda.

Assim, vê-se que, no calculo, surgem as quantidades negativas, mesmo independentemente de considerações concretas que lhes possam ter dado origem; e é mesmo no dominio abstracto que notações mais ou menos singulares tem cabída, taes como as expressões imaginarias, os simbolos de indeterminação, as notações differenciaes no calculo infinitesimal, absolutamente impossiveis de um correspondente concreto equivalente, pois, não se comprehende que um infinitesimal de uma ordem qualquer, comquanto se refira a grandezas geometricas, possa ter o seu equivalente geometricamente representado, na vida pratica.

Accresce ainda que a quantidade essencialmente negativa é tambem independente de qualquer convenção prévia sobre os sentidos em que possam ser consideradas as grandezas. Porque na figura abaixo

$$\underline{B - 10} \quad C \quad 10 \quad A$$

si o ponto C é tomado como origem de onde partem, no mesmo instante, dois moveis com igual velocidade, admittindo que tenham andado em sentidos oppostos, 10 metros, a

maneira de indicar essa opposição de sentido, está expressa no emprego dos signaes mais e menos.

Mas, esses signaes não poderão, de modo algum, influir na natureza do numero 10 pelo facto de substituirmos os *designativo*: á direita, á esquerda, para a frente, para traz, etc., pelos signaes mais e menos, não faremos com que, por isso, o numero 10 possa ser positivo ou negativo. E tanto é assim, que si o seguimento C B fôr designado por *menos dez*, e o seguimento C A por *mais dez*, teriamos para a distancia

$$A B = A C + C B \quad \text{o valor}$$

$$A B = (10) + (10) = 10 - 10 = 0$$

o que é absurdo.

E nesse resultado, patenteia-se a razão que tem o sr. Tertuliano, quando diz que operação dessa natureza não póde ser effectuada como acima o foi, porque só se poderá ter para o valor de AB, 20 metros; isto é, $AB = 10 + 10 = 20$.

Mas, resalta, sem duvida nenhuma, que os *menos dez* acima considerados, não são essencialmente negativos, porque nós não podemos fazer os numeros tornarem-se negativos á nossa vontade, como succede na hypothese acima, porque tanto fiz C B igual a *menos dez* e C A igual a *mais dez*, como poderia ter procedido de modo inverso.

Em casos semelhantes, a abstracção do signal *menos* impõe-se, o que não succede quando se opera com as quantidades essencialmente negativas, porque dellas é inseparavel o signal que as caracteriza.

Assim, pois, o numero *menos dez* a que me refiro, na figura anterior, não é negativo; o numero negativo surge no calculo, como succede no exemplo logarithmico citado, e nos imaginarios do segundo gráu para não ir além.

Eu não indago, no momento presente, si a equação do segundo gráu cujas raizes são imaginarias tradúz, de facto, um phenomeno concreto susceptivel de traducção analytica.

O que todos nós sabemos é que a singularidade dessas raizes da equação do segundo gráu

$$ax^2 + bx + c = 0$$

provém do caso de ser

$$b^2 > 4ac$$

na fórmula das raizes

$$x = -b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}$$

Si, de accordo com o sr. tenente Tertuliano, a subtracção indicada sob o radical é absurda, como explicar o facto de se dar a verificação da equação?

2. Reconheço ter sido feliz o meu camarada, na separação necessaria que institue da função do signal *menos* proprio á subtracção.

Eu proporia que os signaes *mais e menos*, méramente indicativos do primeiro par de operações, não devessem ser confundidos com os meios proprios a *caracterisar a positividade* ou a *negatividade* das quantidades.

Realmente, quanto á caracterisação da quantidade positiva pelo signal *mais*, não tráz confusão com o signal aditivo porque aquella quantidade dispensa o signal; mas, o mesmo não se dá com a quantidade negativa cujo signal lhe é sempre inseparavel.

Então, si a idéa de negatividade é inseparavel do valor numerico, como succede com os logarithmos cuja *caracteristica* sómente é negativa, tanto assim que, para distinguir a característica negativa da *mantissa* positiva, se collóca o signal *menos* sobre o numero que apresenta a característica, eu conviria em indicar a generalisação de similhante uso, de modo a cobrir sempre o valor numerico negativo em toda a sua extensão com a barra horisontal adequada.

Posto isto, os casos geraes das operações mathematicas preliminares, apresentar-se-iam pela combinação por addição, subtracção, multiplicação, divisão, etc., da quantidade positiva A com a positiva B ou a negativa \bar{B} ; e da quantidade negativa \bar{A} com a positiva B ou negativa \bar{B} .

Esta convenção, já conhecida e applicada no dominio mathematico, na theoria dos logarithmos, traria a vantagem de evitar confusão actual de uma mesma expressão $A - B$, por exemplo, poder corresponder tanto á subtracção da quantidade positiva B da quantidade positiva A, isto é, á operação

$$A - (B) = A - B;$$

como á addição da quantidade positiva A e da negativa $(-B)$; isto é, a

$$A + (-B) = A - B$$

Com a convenção proposta, ter-se-á no segundo caso

$$A + (\bar{B}) = A + \bar{B},$$

que indica sempre uma addição a que a natureza da questão, ou o resultado do calculo poderá levar.

3. Finalmente, chamo ainda a attenção do meu collega, em face das ponderações que faz na citada revista, para os resultados abaixo.

Considerando a fracção propria

$$\frac{n}{N}$$

podemos escrever

$$\frac{n}{N} = \frac{1}{\frac{N}{n}}$$

Tomando os logarithmos, vem:

$$\lg \frac{n}{N} = \lg \frac{1}{\frac{N}{n}} \quad \text{ou}$$

$$\lg n - \lg N = \lg 1 - \lg \left(\frac{N}{n} \right) \quad \text{ou}$$

$$\lg n - \lg N = \lg 1 - (\lg N - \lg n), \text{ ou}$$

$$\lg n - \lg N = \lg 1 + \lg n - \lg N.$$

Mas, fazendo

$$\lg n - \lg N = -D, \text{ por ser } \lg n < \lg N; \text{ e por ser ainda}$$

$$\lg 1 = 0 \text{ vem}$$

$$-D = 0 - D.$$

resultado que o meu collega diz ser absurdo, por não poder ser uma quantidade negativa igual á differença entre zero e o valor absoluto dessa quantidade.

No emtanto, não ha absurdo em todos os estados da identidade acima.

Em 22 — 12 — 1904.

JOÃO FREIRE JUÇA
Alferes-alumno